Manual Prático do Guerrilheiro

IVAR HARTMANN

Editora Ltda.
Av. Capitavari, 1141
Fone (051 2) 49-0340
90650 - Porto Alegre - RS – Brasil
Editor Airton Ortiz
Edição de texto: Paulo Bentancur e Edgudo Xavier
Capa: Gilberto José Kipper
Revisão: Enimar Pires
Arte-final: Luciane Nunes
Fotolito: Vilnei Machado
Impressão: Pallotti - Santa Maria – RS
© Ivar Hartmann
Todos os direitos desta edição estão reservados à
Tchê! Editora Ltda.

Impresso em novembro de 1988.

A leitura de cabeceira que faltou aos americanos no Vietnã, aos russos no Afeganistão e a Guevara na Bolívia.

TEXTO INTEGRAL

Sem cortes graças à Nova (?) República

O Autor agradece ao pessoal ligado ao GEV e ao F L.
Sua colaboração tornou possível esta obra.
A Villa e Guevara. Mão e Ho Chi Min.
Ocidente e Oriente unidos na causa comum da liberdade. E aos Maquis e Solidariedade, lutadores anônimos da mesma idéia.

O Autor

Ivar Hartmann nasceu em Passo Fundo (RS), a 15 de dezembro de 1940. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Passo Fundo. Exerceu o cargo de chefe de gabinete em diversas Secretarias. Exerceu o cargo de diretor de ginásio e professor de diversas faculdades.

Tem editados pela Tchê!, na colecão *Esses Gaúchos,* uma biografia de Getúlio Vargas, e um romance: O *Pais dos Gaúchos.* Atualmente é promotor de justiça e professor universitário em Novo Hamburgo.

ÍNDICE

PRÓLOGO 15

ADVERTÊNCIA

Como não se deve iniciar uma guerrilha..... 19

LIVRO I

1 - Histórico..... 27
2 - Princípios da guerrilha..... 30
3 - Estratégia da guerrilha..... 32
4 - Táticas guerrilheiras 41

LIVRO II

1 - Preparação..... 49
2 - O capelão 53
3 - O equipamento..... 55
4 - As armas..... 60

LIVRO III

1 - O Cerco 67

2 - Aspectos fundamentais do combate.... 70

3 - Em combate 71

LIVRO IV

1) A sabotagem.....77
2) A espionagem e seus objetivos.....79
3) O seqüestro como arma de guerrilha.....81
4) A guerra em lugares favoráveis.....89
5) A área de segurança.....95
6) A guerra em lugares desfavoráveis.....99
7) O front político 108

PRÓLOGO

Comecemos pelo início.

Antes de nada, é fundamental que o leitor tenha um claro entendimento da matéria a ser abordada.

Assim, no dizer do Mestre Aurélio:

Guerrilha — "Luta armada realizada por meio de pequenos grupos constituídos irregularmente, sem obediência às normas estabelecidas nas convenções internacionais, e que, com extrema mobilidade e grande capacidade de atacar de surpresa, visa ao crescimento progressivo das próprias forças mediante a incorporação de novos combatentes e abertura de novas frentes guerrilheiras até que se possam travar com êxito combates diretos contra as tropas regulares inimigas."

Por conseqüência, guerrilheiro é aquele que combate numa guerrilha.

Revolução — "Rebelião armada; revolta, conflagração, sublevação. Transformação radical e, por via de regra, violenta, de uma estrutura política, econômica e social."

Logo, revolucionário é . . .

Terrorismo — "Modo de coagir, ameaçar ou influenciar outras pessoas ou impor-lhes a vontade pelo uso sistemático do terror. Forma de ação política que combate o poder estabelecido mediante o emprego da

violência."

Terrorista é o partidário do terrorismo e que usa seus métodos.

Assim, aqueles que pretendem aprender como se faz uma revolução pouco encontrarão aqui. Deverão consultar os maiores *ex-perts* no assunto, ou seja, os oficiais do exército boliviano, já que as demais armas do mesmo país estão voltadas para suas funções precípuas: a Força Aérea transportando mercadorias de vital interesse para os que governam o país e a Marinha com suas belonaves atracadas em La Paz para garantir a independência da Nação ou em manobras de guerra no Lago Titicaca, por isso também chamado pelos gagos de Titicacaca.

Mas a folha de experiência destes cavalheiros está acima de quaisquer dúvidas e o grau de evolução destas revoluções é tão grande que hoje não se trocam mais tiros entre o general do dia, o do Palácio do Governo — e o que quer dormir na cama presidencial.

Simplesmente se "trocam figurinhas", isto é, pelo telefone os dois rivais informam quantos generais, coronéis, capitães e tenentes cada um tem ao seu lado.

Quem tiver mais, deita na cama, quero dizer, toma posse em nome da democracia, promete eleições para o próximo ano, consegue alguns milhares de dólares dos Estados Unidos para sua conta pessoal e, em nome da coesão nacional, manda o ex-presidente para alguma embaixada na Europa.

Aliás, como a Europa é um continente decadente, não têm surgido novas nações por aquelas bandas, razão porque, como atualmente são poucas as embaixadas disponíveis e o dólar se desvaloriza, é de supor que os próximos "ex" terão de se contentar

em viajar pela África.

Por oportuno o jargão dos políticos e militares que convivem com este tipo de coisas entende que se chamam revolucionários os golpistas vencedores e golpistas os revolucionários derrotados.

É uma questão semântica mas de tal profundidade que um

leigo não pode assimilar.

De qualquer forma, vale este primeiro ensinamento: nunca

chame um vencedor por:

— Parabéns, o senhor é um grande golpista!

Isto pode significar, em tempos duros, a cadeia, e em tempos de

abertura, um inimigo figadal.

Assim, quando necessitar algum favor, emprego, empréstimo a juros subsidiados ou financiamento para aquela sua empresa falida diga:

— Parabéns, o senhor é um grande revolucionário!

Você conhece a história de Ali Babá e os 40 ladrões?

Não, não, não é por causa dos 40 ladrões; é por causa da montanha.

Esta frase vale mais do que o "abre-te, Sésamo", frase que abria a porta para todos os tesouros.

Ditas estas coisas fica claro que este livro irá ensinar apenas o que você deve fazer para ser um guerrilheiro.

Revolução e terrorismo são coisas distintas, como bem disse o nosso maior maestro de vocábulos.

A guerrilha no entanto pode levar a uma revolução.

Se esta obra tiver boa aceitação, ou se o leitor, ao cabo deste curso, entender que sua vocação é para a revolução ou para o terrorismo, escreva à editora, que, com muito prazer — o preço deste volume já o demonstra —, iremos escrever sobre o assunto.

Um último lembrete.

A presunção mundial é de que a guerrilha é própria de países subdesenvolvidos o que transmite a idéia de multidões de maltrapilhos com armas modernas olhando avidamente para as câmeras dos cinematografistas das grandes cadeias de TV americanas, esperando serem reconhecidos.

Ao redor, crianças famintas, casas destruídas, veículos em chamas e a voz do entrevistado dizendo: "estamos lutando pela democracia e pela liberdade, o povo está conosco e o inimigo está fugindo em todas as frentes".

Como ambas as partes em combate dizem a mesma coisa nos mesmos lugares, o ouvinte distraído até poderia perguntar: "mas então, para que a guerra?"

É uma pergunta válida.

Que nos levaria à mesma proposta de dois soldados inimigos na Grande Guerra: e se todos os soldados parassem de atirar?

Felizmente, enquanto o homem for um ser racional, esta espécie de pergunta, que só pode partir de tolos, não será respondida.

Mas a guerrilha não é privilégio dos países terceiro-mundistas.

Estão aí os jovens japoneses em guerra contra a destruição da

natureza, em combates permanentes com a polícia quando não surrados e presos.

E os estudantes franceses, que fizeram o grandalhão De Gaulle fugir para a Alemanha, durante os distúrbios com incêndios, saques e destruições em Paris, a Meca do saber.

Ou os jovens húngaros que iniciaram com táticas de guerrilha uma luta contra a Rússia, para libertar sua pátria e acabaram trucidados pelos soldados russos.

Ou ainda os moços americanos moradores dos guetos de Nova York, formando guerrilhas para lutarem entre si na defesa de territórios onde possam explorar os mais fracos, os comerciantes e os

pontos de drogas.

Felizmente para estes povos tão a d ia n ta dos, a guerrilha é própria dos países mais atrasados.

ADVERTÊNCIA Como não se deve iniciar uma guerrilha

Quando nos interessamos por um determinado livro, nestes tempos de cultura cara, buscamos na contra-capa e nas orelhas do mesmo algumas informações que podem nos levar a adquiri-lo ou devolvê-lo à estante.

Mais importante ainda se torna estas informações quando trata-se de um compêndio destinado a nos ensinar sobre uma nova forma de comportamento, tão importante quanto a escolha de uma profissão ou de uma religião.

E a notícia que mais interessa é: mas e o autor, ele sabe algo sobre o que escreve?

A pergunta, longe de ser impertinente, é totalmente procedente. Senão iríamos a uma livraria e compraríamos uma obra intitulada *Como governar os Estados Unidos* e, quando chegássemos em casa, veríamos que o autor é o galã do filme antigo que está passando na TV. Ou nos arriscamos a um livro recém saído do prelo: *Como ficar rico em um ano.*

Quando abrimos o pacote em nosso quarto vamos ver na última capa a fotografia do autor, um risonho senhor de cavanhaque, vestido como o Filho do Sheik ou como aqueles beduínos sujos e burros que a Legião Estrangeira não cansava de matar quando atacavam, à galope, pelas areias do deserto,

gritando e brandindo enormes espadas, permitindo assim o aparecimento de *As quatro penas brancas* ou *Beau Geste,* que mostraram à sociedade, que um branco vale muito mais do que cinquenta ou cem árabes.

Tese defendida por todas as grandes nações colonialistas valendo para árabes, amarelos e negros e que, com pequenas modificações, foi muito difundida por aquele sósia do Carlitos, o Hitler. Assim, para não nos alongarmos, queremos dizer que temos alguma experiência de guerrilha.

Pelos meus dezoito anos fundei, entusiasmado por uma grande troca de cartas com um ex-Ministro da Educação do Paraguai , dr. Juan Dario Quiroga, hoje, trinta anos depois, ainda asilado no Uruguai, uma célula chamada FULNA — Frente Unida de Libertação Nacional: Comité de Auxílio ao Povo Paraguaio.

A referida célula (eram outros os tempos) tinha papel timbrado e tudo o mais.

Por sugestão de um irmão aluguei uma caixa postal por onde recebia a correspondência revolucionária.

Alguns meses depois meu irmão, prestes a mudar-se para outra cidade, pediu-me uma chave da caixa postal, bem como o especial favor de eu não abrir a correspondência que lá chegaria endereçada para uma senhora cujo nome fictício deu-me na ocasião.

Nos meses seguintes as cartas para a tal pessoa ocuparam mais espaço no escaninho do que os planos subversivos.

Cumpria eu religiosamente a promessa, não tocando nelas. Certo dia, chegando ao corredor do prédio antigo dos Correios e Telégrafos de Porte Alegre, lá deparo com a Senhora X (parece novela do séc. XIX), pessoa de nossas relações familiares, que muito vermelha ficou ao ver-me chegar ao mesmo local, quando ela guardava uma chave no bolso.

Cumprimentamo-nos, ela saiu nervosa e, é claro, quando abri a caixa postal esta estava vazia.

Minha mente guerrilheira sofria a primeira grande decepção ao estar colaborando insuspeitadamente para uma causa burguesa, o que fiz ver por carta a meu irmão, terminando assim com aquela subversão dentro da subversão.

Passaram-se mais alguns meses, outro irmão, engenheiro construtor de estradas no velho e querido município gaúcho de Itaqui, na fronteira

com a Argentina, propôs-me pagar minhas despesas até o Paraguai, ponto maior de convergência de minhas idéias juvenis, em troca de quinze dias de trabalho para sua firma, dirigindo um caminhão-basculante.

Aceitei e em julho viajei de ônibus à Itaqui.

Lá cumpri a quinzena de trabalho e com o dinheiro no bolso atravessei de chalana o rio Uruguai rumo à aventura e aos primeiros contatos revolucionários que seriam mantidos com pessoas cujo nome não lembro, em Assunção.

Tomei o trem naquela noite na estaçãozinha de Alvear.

Sacolejamos toda a noite até Posadas.

Deste início de carreira revolucionária o mais que lembro é de ter entrado no sanitário do trem e encontrado escrito em uma das paredes de madeira: "Perón, hijo de la putana".

Como não se deve participar de dois movimentos políticos ao mesmo tempo, fechei a porta após fazer meus deveres e troquei de sanitário nas outras horas.

Como deveria ser, hospedei-me em um pequeno hotel de segunda categoria, o Majestic, aguardando o dia seguinte para cruzar o Paraná de lancha, rumo a Encarnación.

No almoço conheci um viajante argentino que tinha ido visitar as Cataratas do Iguaçu e falava extasiado do movimento daquelas águas.

A discrição fez-me dizer apenas que viajava em férias e cruzaria o rio no outro dia, rumo a Assunção.

O entusiasmo do argentino no entanto convenceu-me.

Pensei: se o ditador está a tanto tempo no poder uns dias a mais não prejudicarão a arrancada libertadora. Assim, no dia seguinte, presenteado com um *Guia Peuser* com dedicatória de 1 5 de julho, um dos poucos exemplares de minha biblioteca dos quais ainda não fui golpeado — se me permitem usar a palavra —, avancei rumo ao norte.

Como aqui não se trata de recordar viagens de turismo, informo que voltei dois dias após e finalmente tomei o vapor para Encarnación.

Na minha última noite na capital missioneira, lendo o jornal local, deparei-me com a notícia de a polícia ter resgatado do rio dois ou três cadáveres de homens com traços indiáticos, vestidos razoavelmente e COTI sinais de tortura.

Como já naquela oportunidade o ditador prestigiava mais o Brasil, o jornal argentino seguia dizendo que provavelmente eram mais algumas vítimas da polícia ou exército paraguaio que estavam envolvidos em desbaratar os inimigos, sob o pretexto de que estes estariam preparando uma revolução.

Fiquei tranqüilo porque, por maior importância que eu desse a minha missão salvadora do povo irmão, sabia poder contar com *a* discrição de Deus e do dr. Juan Dario, únicos seres a saber dos meus objetivos.

Ao cruzar o rio conheci três moças argentinas também viajando à Assunção. A amizade prolongou-se pela viagem de micro-ônibus até a Capital, através de uma noite invernal. Na estrada, de tempos a tempos, barreiras do Partido Colorado apareciam na noite, índios mal encarados travestidos de milícia e de exército, saindo emponchados desde algum rancho ou barraca na frente da qual formava-se a barreira e queimava-se um fogo.

Aos estrangeiros era pedida a carteira de identidade, com alguma cordialidade para os brasileiros, mas sem destempere para com os argentinos.

Os paraguaios, coitados, dependendo dos sonhos dos comandantes das barreiras, eram obrigados a abrirem suas malas e valises que eram revistadas grosseiramente à luz de lanternas ao lado da estrada, sob os olhares dos colorados portando fuzis que eu conhecera no CPOR e que, por muito antigos, tinham sido vendidos ou doados ao Ditador.

Finalmente chegamos.

Credito ao frio, mais do que às notícias, às guardas índias coloradas e a minhas amigas argentinas, o arrefecimento de meu ímpeto guerrilheiro.

Nos dias seguintes conheci todos os pontos históricos e turísticos de Assunção e cidades vizinhas.

Passeamos os quatro até o lago de Ipacaray; tomamos chimarrão no parque da casa de Madame Linch; estivemos na casa de Artigas; compramos rendas de nhandutí; vimos os estragos dos canhões da Tríplice Aliança durante o genocídio de 1870, na igreja de Yaguarón; tiramos fotografias no teto da Catedral; conversamos com Solano Lopez e Estigarribia no Panteón dos Heróis.

Quando terminou o mês, estava sem dinheiro na hora de voltar, e as

pessoas que deveria procurar nem sabiam da minha chegada.

Concordo pois que minha experiência guerrilheira ou revolucionária não se compara a de Guevara, Mão, Ho, Agostinho ou Fidel, para falar apenas dos maiores especialistas do ramo.

Em compensação eu saí vivo de meus contatos com os índios, nunca tive incômodos com amarelos e negros e não tive de vender a alma aos cossacos.

E o ditador paraguaio?

Este transformou-se no primeiro sheik americano, ao vender um rio para o Brasil tornando seu país dono de milhões de quilos-dólares, ou seja, os dólares que os brasileiros pagarão pelos quilovates de Itaipu.

Pela esperteza que tantos benefícios traz aos guaranis, peço escusas por um dia ter pensado em ajudar a derrubar seu tutor.

Assim, passemos ao *Manual.*

LIVRO I

1 — Histórico
2 — Princípios da guerrilha
3 — Estratégia da guerrilha
4 — Táticas guerrilheiras

1 — *Histórico*

Desde a antiguidade os grupos humanos minoritários, buscando a ascensão ao poder ou na derrubada de ditadores, têm se valido da luta armada para conquistar a liberdade.

Como vimos pela definição do significado da palavra guerrilha, não podemos aos primeiros humanos agrupados, improvisando meios para lutar contra os monstros pré-históricos, em busca de alimentos e segurança, dizer que usavam de guerrilha contra os então donos do mundo.

Faltava um dos elementos para que se tratasse de uma revolução: os animais, por serem animais, não buscavam consolidar sua força ou criar tropas anti-homens.

É verdadeiramente certo que nunca os dinossauros, por exemplo, chegaram a um consenso em suas assembléias para formar um batalhão armado, capaz de liquidar com aquelas pulgas de duas pernas que andavam atrás de si.

Assim, quando restavam poucos espécimes deste colosso e de outros igualmente perigosos e feios animais, eles fugiram para um vale desconhecido cuja única entrada foi posteriormente destruída.

Só no século vinte foram novamente encontrados, graças ao trabalho perseverante dos produtores de Hollywood, e ainda agora mostram sua barbárie e maus costumes ao tentarem comera mocinha — imaginem — que é salva no último instante pelo mocinho o qual, de certo, também quer.

Dando um salto no tempo vamos, agora sim, encontrar um movimento guerrilheiro típico quando os judeus revoltaram-se contra os romanos e, face à desproporção entre as armas e adestramento de uns e outros, usaram pequenas sortidas armadas para fustigar as legiões romanas.

O movimento só foi vencido quando os romanos cortaram os meios de comunicações com a base guerrilheira que, desta forma, foi destruída.

É um exemplo histórico importante porque esta derrota parcial permitiu aos judeus usarem depois as grandes sortidas financeiras que abriram o caminho para sua liberdade, sem a necessidade de empregar outra forca que não a do dinheiro.

Durante a Idade Média e Moderna, quando as Nações ou eram pequenos Estados e Feudos, ou posteriormente, quando se consolidaram os grandes Reinos e ainda quando estes lutavam uns contra os outros, as condições para a guerrilha inexistiram.

Mais tarde os brancos americanos buscaram a independência de suas pátrias do colonialismo europeu, e o fizeram constituindo pequenos exércitos, lutando por meios regulares e — por um maciço apoio popular — capazes de serem reconstituídos após cada derrota, enquanto os europeus, longe do teatro de operações, envolvidos em custosas e prolongadas guerrilhas, viam esvair-se suas possibilidades de vitórias ante uma população hostil.

Já na Idade Contemporânea os movimentos revolucionários africanos usaram a guerrilha como única forma de conquistar a independência de suas tribos.

Estão bem registrados os horrores que ambas as partes infligiram aos adversários e às populações civis estranhas à luta armada.

Os guerrilheiros "mão mão" de Keniata, que depois tornaram-se Ministros de Estado, até poucos meses antes trucidavam mulheres e crianças indefesas nas fazendas brancas atacadas.

Os franceses, donos da cultura universal, matavam indiscriminadamente, e com selvageria, os habitantes das aldeias argelinas suspeitas de protegerem os guerrilheiros que lutavam pela independência da Argélia.

A luta africana para livrar-se dos brancos causou tantos danos à população civil quanto a caçada entre judeus e palestinos pelas cidades européias.

Alguns movimentos guerrilheiros tornaram-se célebres e fizeram o nome de seus dirigentes.

Mão Tsé Tung, o autor do maior *best seller* chinês, *O Livro Vermelho,* nas horas vagas era guerrilheiro.

Infelizmente este promissor homem de letras, capaz da proeza de em uma única obra ter uma tiragem de milhões de exemplares, preferiu a política, trocando as vantagens de ser um autor festejado pelo sacrifício de ser ditador da China.

Desta forma trocou a pena pelo penacho, mas, creio, não se arrependeu.

Ao menos esteve a salvo da Guarda Vermelha.

Já Ho Chi Min, o "velho Ho" para os íntimos, é um personagem lendário saído diretamente de um livro de gravuras vietnamitas, velho, seco, com caprichoso cavanhaque e olhar manso: modelo ideal para pintura chinesa em vasos de porcelana.

Para azar do Japão, França e Estados Unidos, ele não era nada do que parecia, e assim, comandando os subdesenvolvidos e subnutridos de sua pátria, pôs em debandada os grandes gigantes da economia, da cultura e da guerra.

Mas o Ocidente também teve carismáticas lideranças, capazes de transformar idéias em ações que levaram â luta milhares de homens,

dispostos a morrer por seus ideais, mesmo quando estes ideais não fossem bem compreendidos pelos contingentes de analfabetos que os seguiam e para quem a liberdade, muitas vezes, significava apenas o não ter de trabalhar atrás de um arado ou de um balcão.

Isto fez a glória de Zapata e Villa no México, Saraiva e Prestes no Brasil, Guevara e Fidel em Cuba.

De todos eles o único que conseguiu galgar o poder e propor as modificações estruturais pelas quais lutava foi o barbudo Castro.

Com resultado conhecido.

Saraiva e Prestes nunca foram derrotados e suas colunas móveis, no Séc. XIX e XX, eram o terror do exército brasileiro.

Zapata e Villa conquistaram pela força o governo mas não puderam lutar contra a astúcia dos políticos mexicanos.

A conclusão histórica importante, quanto a guerrilha, é de a fé poder remover montanhas; nem sempre os guerrilheiros vitoriosos sabem que fazer com elas depois.

Afinal, uma montanha não da' para pôr no bolso e sair assobiando até a choperia da esquina como se nada tivesse acontecido.

2 — Princípios da guerrilha

À primeira vista o princípio de "atacar e fugir" presta-se a rápidos e errôneos julgamentos de que bastaria atacar o objetivo causando o máximo de prejuízos, fugindo antes que a resposta possa causar ao atacante qualquer dano.

Se assim fosse, bastaria aos iniciantes buscarem as ruas mais movimentadas das capitais nacionais e acompanhar o trabalho de pivetes e assaltantes em geral, que usam a mesma idéia inicial de "atacar e fugir": suas ações no entanto não têm a aura do romantismo, um dos princípios fundamentais do guerrilheiro.

Tão ou mais importante do que deixar crescer a barba, usar jeans e botas, é conservar em torno de si o mito de herói romântico.

É fácil entender por que: as grandes cadeias de rádio, jornal e televisão possuem em número crescente jornalistas mulheres, sem que isso signifique uma maior capacidade feminina para o setor. Resulta apenas de,

num mercado de trabalho tão competitivo, com tantas faculdades formando tantos profissionais, a mulher aceitar trabalhar por um salário menor que o do homem. Inexplicavelmente isto não as deixa felizes quando se sabe que elas têm deficiências sérias e impeditivas de equiparar-se aos homens, haja visto a sua inapetência para a guerra, um dos brinquedos mais sérios que a mente humana já criou, e para a política, atividade humana das mais importantes (para os políticos que desejam um canal de rádio ou TV).

Assim, na medida em que a guerrilha for crescendo, a imprensa abrirá mais e mais espaço para noticiá-la. Isso porque os lacaios capitalistas da imprensa ocidental vivem apenas buscando o lucro, vendendo suas publicações a custa da luta entre os povos.

Nada mais justo, portanto, usá-los para disseminar as idéias guerrilheiras entre a população leitora, usando o inimigo para difundir os programas da luta.

Agora suponhamos: numa certa manhã (ou noite, não importa) chega ao acampamento onde você está uma repórter, trazendo atrás de si um valete — prova a origem burguesa da coisa —, homem carregado de maletas, tripés e estojos de couro — a mente aguçada pela luta diária do guerrilheiro logo compreenderá serem máquinas fotográficas ou cinematográficas.

Se você tiver uma aura romântica, imediatamente ela virá ao seu encontro, quer para a primeira entrevista, quer para a segunda entrevista, que poderá bem ser a primeira depois de uma longa abstinência. Em qualquer dos casos você estará sendo recompensado. O Comandante Zero, na Nicarágua, suplantou todos os outros guerrilheiros sandinistas por um encontro como este.

Para não entenderem estar você corrompendo-se pelo poder discricionário a cujo soldo estão os órgãos de imprensa, querendo aparecer na imprensa internacional, poderá displicentemente, enquanto limpa a faca de lâmina rubra de sangue (porque foi cortar-se logo quando chegou a jornalista?), afirmar estar a guerrilha em franca evolução para colocar o povo no poder e as mulheres como importantes colaboradoras do processo de reconstrução nacional.

Ninguém irá ler em sua mente que reconstruir também significa eliminar os claros populacionais deixados pela revolução.

Agora, não adianta passara usar diariamente loção após barba e

perfumes saqueados do último confisco revolucionário, ter as calças e camisas engomadas como se fosse para uma parada. Nem tampouco tomar banho todo o dia esperando a jornalista encantada.

Ela pode não vir, e você todo perfumado, de calça e camisa engomada e banho tomado, pode ser surpreendido pela patrulha do exército que desemboca de repente na picada, trazida pelo faro do cão- pastor da fazenda que vocês assaltaram, o qual, sentindo de longe o perfume do dono, veio ao seu encontro. Vexame!

A destruição de um ideal por um vidro de *Paço Rabane.*

O guerrilheiro deve acostumar-se à idéia de fazer parte de um exército menor, com pouco armamento, sem condições de reposição imediata do homem ou arma que cair. Por isso, triunfar, aniquilando o inimigo, é tarefa a longo prazo.

Nenhum guerrilheiro até hoje conseguiu conquistar o poder em poucos dias. É missão árdua, pacienciosa, como a conquista da primeira namorada. Avanços, recuos, trampas, tudo vale.

Dizia o Che Guevara, se ainda vivo e com este Manual à mão: a surpresa, a perfídia e a atividade noturna são da própria essência da vida guerrilheira.

Exemplificando, abraçar a vizinha quando ela entra no elevador distraída é a surpresa, levá-la para o seu apartamento soba promessa de boa música e um jantar real, equivale a perfídia; e a atividade noturna, bem, atividade noturna é a redundância dos passos anteriores.

Na guerrilha, é bom que se diga. Muitos e muitos notáveis guerrilheiros já se perderam pela atividade noturna. Quem não conhece a história de Sansão?

Para não nos alongarmos é fundamental ao leitor que busca neste *Manual* a especialização ou uma nova (e brilhante) carreira, memorizar: romantismo, surpresa, perfídia e atividade noturna são as bases para uma guerrilha prosperar.

3 — Estratégia da guerrilha

Contam os antigos que os mais brilhantes generais da história foram Napoleão, Casanova e Al Capone, cada um em sua respectiva atividade,

todos eles com um ponto em comum: a conquista.

Outra não é a mola propulsora de uma célula guerrilheira se não a conquista.

A tomada do poder, a luta para chegar ate ele, a possibilidade de dar novas diretrizes á pátria, de alinhar a Nação com seu real destino, de satisfazer as necessidades dos oprimidos, de redimir os pobres, de repartir o dos ricos, de um novo Japão, Alemanha e Estados Unidos etc. Me perdoem alguns leitores, incluo também a Rússia, e por afinidade aquelas nações onde a revolução bolchevista entregou o poder ao povo, como a Romênia, a Hungria, a Alemanha Oriental, sem falar das minorias étnicas da URSS.

Por insólito que pareça, no entanto, quando perguntamos aos fascistas de direita, aos comandos do centro, aos socialistas de esquerda, em qual país gostariam de morar, a resposta tem sido Japão, Suécia, Alemanha, Canadá, Estados Unidos ou Suíça. Ninguém postula para morar a República Democrática da China, a União das Repúblicas Soviéticas ou a centrista índia.

Como este não é um Manual de psicologia, passemos por cima destas aspirações.

Por estratégia guerrilheira entende-se o planejamento e a execução de atividades que garantam resultados positivos com o máximo de garantias, merecendo especial cuidado o local da guerrilha.

O local da guerrilha

Em um determinado país, pessoas descontentes com o regime vigente ouvem outras pessoas descontentes com o mesmo regime. Reúnem-se para conversas informais e descomprometidas. Após algumas reuniões, alguns começam a sentir que a temperatura aumenta e preferem abandonar a sala. Outros ficam para ver até onde vão a coisas. Alguns sentem nas manifestações dos presentes o dardo a produzir calafrios. Aqueles que sentiram o frio na espinha ou o bater acelerado dos corações, são a mola propulsora do movimento.

Jovens estudantes, de qualquer situação econômica , de qualquer sexo ou l íngua. O elo maior entre eles é o ideal e o desejo de, mesmo a custa do sacrifício pessoal, buscar horizontes melhores e maiores para sua pátria.

São os mesmos, nas democracias chamados para votar, e nas ditaduras chamados para prestar o serviço militar. Estranho mundo o destes jovens. São a maioria da população. Dos estudantes. A maioria do presente e do futuro sem oportunidade de poder falar sobre seu presente ou de auxiliar a moldar seu futuro.

Estas missões são reservadas aos mais velhos, aos que tudo sabem com sua experiência. A mesma experiência que torna o caloteiro um golpista. O pivete um ladrão profissional. O político um engolidor de sapos.

Na realidade a experiência é a mãe de todos os males e de todas as virtudes. Basta saber qual das mãos desta mãe pretendemos tomar.

Assim, a adrenalina fazendo efeito, está formada uma nova confraria. Ela pode descambar para estudos acadêmicos, passeatas e greves, manifestações de repúdio contra os ataques à natureza ou em barricadas contra a ordem.

Pode descambar em células de guerrilha.

Feita a triagem inicial, os iniciados já não realizam mais reuniões com livre acesso aos interessados. Já buscam guardar os segredos das discussões. Já limitam as manifestações em público. Já sondam os métodos a serem empregados para derrubar o tirano e quais os recursos disponíveis.

A primeira providência deve ser para o local-suporte, assim entendido como o lugar para onde devem ser transferidos os homens e equipamentos disponíveis, sem alertar as autoridades constituídas e sem causar preocupações aos pais com a prolongada ausência e a falta às aulas ou trabalho.

O futuro é uma incógnita.

Para haver as mínimas condições de prosperar a idéia revolucionária, de logo devem os líderes tomar a decisão a respeito deste local-suporte.

Nada há de matemático nesta decisão.

As premissas básicas são tantas que o resultado é sempre muito particular.

De qualquer forma, pode-se dividir as possibilidades de início da guerrilha, quanto ao local, em guerrilha urbana, suburbana e rural.

a — Urbana

É a guerrilha que usa para local-suporte a própria cidade.

Esta cidade deve ser suficientemente grande e importante para esconder os guerrilheiros e os ataques trazerem transtornos ao governo e interessar a imprensa.

Há vantagens evidentes:

—Continuar estudando e morando em casa, sem perder o ano e podendo continuar em seu quarto, fazendo do pai e da mãe sua mordomia particular;

—Continuar convivendo com as namoradas;

—Não ter de ir para "as grotas".

Em caso da cidade escolhida ser outra, e não a da residência atual, as vantagens são:

—Gozar dos confortos do progresso;

—Ser sustentado pelos companheiros da divisão de orçamento;

— Poder escolher como local-suporte uma cidade à beira-mar.

Ha apenas duas desvantagens: o exército, atualmente capaz de descobrir uma célula guerrilheira em poucos dias, e a polícia, cujos agentes são incapazes de tratar moços idealistas de maneira outra que não a reservada para delinqüentes perigosos.

b — Suburbana

É uma escolha ainda menos acertada.

Em grandes cidades as zonas suburbanas representam as populações mais pobres da cidade.

São milhares de barracos de madeira e materiais inservíveis para outros fins, casas em decomposição, construções de alvenaria de apenas uma peça.

Ruas sem pavimento, água em torneiras públicas, transporte precário.

Os salários são baixos, o armazém da esquina é o principal credor.

Os maridos, ou passam o dia inteiro fora ou passam o dia inteiro em casa sem fazer nada.

As mulheres, ou passam o dia inteiro fora ou passam o dia inteiro em casa com pouco fazer.

Estranhos sempre são vistos com desconfiança. Mesmo vestidos de pastor ou padre.

Jovens falando difícil e vestindo jeans ou confortáveis calças desbotadas e velhos sapatos da moda, então, nem falar.

Reuniões políticas em época de eleições são freqüentadas apenas quando realizadas no bolicho mais movimentado e, assim mesmo, nos horários sem novela na TV.

Visitas de casa em casa e convites para reuniões clandestinas terão como único resultado a visita da rádio-patrulha.

Porque, ao contrário do que pensam muitos pais da pátria e nulidades afins, os pobres são honestos, cumpridores da lei e, ao contrário de tantos, não se interessam por nada que não sejam aqueles chamados iniciais da espécie humana: preservação e procriação. Em todas a formas pelas quais possam se apresentar.

Assim, uma célula guerrilheira em subúrbio só é possível para guardar algum tempo um embaixador seqüestrado enquanto se acerta sua troca por algo mais valioso.

c — Rural

Por eliminação chegamos à zona rural.

Um dos princípios da boa técnica guerrilheira é localizar-se em lugar de difícil acesso.

Difícil acesso para as forças de segurança: forças armadas e polícia.

De forma que para chegarem ao local devam passar por obstáculos tais que tolham o avanço de um contingente criado de acordo com as regras acadêmicas, e as normas de combate.

Como conseqüência estas forças deverão lutar em um ambiente que não é o seu, contra um inimigo cujo rosto e poder de fogo não conhecem e perante uma população supostamente hostil.

Um lugar de difícil acesso tanto pode ser uma floresta como uma cadeia de montanhas, uma zona pantanosa ou os ermos de um planalto sem estradas a recortá-lo.

A geografia de cada país *é* que irá decidir qual a melhor opção.

Toda guerrilha responsável tem como inimigo o exército, composto normalmente de recrutas que passam alguns meses em adestramento militar, brincando ao vivo de soldadinhos de chumbo e

oficiais de carreira, os mais brilhantes dos quais concluem sua . vida militar como presidentes da República.

Ao menos brilhantes está reservada alguma diretoria ou presidência de multinacional; os inimigos do progresso chamam-nos de "testa-de-ferro", talvez porque, sendo de ferro, nenhum conhecimento importante passe além das rugas de suas testas, mas isso nada tem a ver com este *Manual.*

Assim, no caso do Brasil por exemplo, o melhor local para se iniciar uma guerrilha são sem dúvida, os rochedos de São Pedro e São Paulo, no meio do Atlântico.

Longe de qualquer base militar, de qualquer cidade grande, sem nenhuma rodovia importante próxima, a meio caminho da Líbia e Argélia — Líbia e Argélia eternas amantes dos guerrilheiros latinos, estas duas jovens senhoras fazem muitos desesperados seqüestrarem aviões para irão encontro de suas amadas. Sabe-se lá quais encantos e venturas oferecem. Lá estão os rochedos, batidos pelo mar bravio , com poucos lugares de abordagem, facilmente defendidos, sem possibilidade de

um ataque por pára-quedistas ou pelos célebres batalhões do Parasar.

Seria o local ideal para uma arrancada rumo a Brasília. Os habitantes do lugar, pássaros multiformes e multicolori-s, prontamente aceitariam os novos senhores, desde que estes deixassem seus ninhos e seus costumes em paz.

Os peixes e tartarugas continuariam a andar por suas águas tépidas e jamais pensariam numa contra-revolucão.

É, seria o local ideal.

Desde que a Marinha não resolvesse fazer exercícios no local, transportando contingentes de fuzileiros-navais.

Então o grito de guerra guerrilheiro se ouviria:

—Mas afinal, nossa luta não é contra o Exército?

—O que estes panacas estão fazendo aqui?

A surpresa é um dos fatores de sucesso em uma luta de guerrilhas, nada no entanto impede de o inimigo também usá-la.

Mas afinal, depois de uns dois meses de cerco nos rochedos, sem sal, arroz, feijão e carne, até a rendição traria resultados positivos, como uma cela

dois por dois, não muito menor que os rochedos, mas com comida farta.

Supõe-se, pois não?

Isso na presunção de que a Marinha resolva patrocinar, junto com o exército, da guerra, o que não é obrigatoriamente real.

Haja visto a luta da Força Aérea Argentina contra a Inglaterra, quando o único ato de guerra do exército argentino foi a rendição nas ilhas Malvinas, e da Marinha Argentina foi se esconder nos portos enquanto os almirantes portenhos gritavam:

— Com submarino atômico não vale! Com submarino atômico não vale! Nós não brincamos mais.

Para nós, os do terceiro mundo, os subdesenvolvidos, ímpios e ignaros filhos da desdita, felizmente ainda existe a Força Aérea Argentina, formada, é claro, por oficiais de sangue azul *e* alta linhagem, cujo sangue *criollo* ainda não produziu efeitos nefastos.

Nestas presunções ha' de se tomar algumas providências importantes.

Primeira — Não ir para os rochedos de São Pedro e São Paulo.

Segunda — Não ir para perto de padres estrangeiros lutando pela reforma agrária: os coitados são bem intencionados, mas as idéias defendidas parecem as do Régis Debray, aquele francês que de tanto atrapalhar o Che na Bolívia, mereceu deste, em seu diário de guerra, um agradecimento quando foi embora.

Realmente não adiantou.

Padre propondo reforma agrária é como general postulando ser Presidente. O padre e o latifúndio e o general e o presidente são vinhos da mesma pipa.

Voltemos â zona rural. Lá a guerrilha está em seu habitat natural. Nada de impostos. Nada de impostores.

Sim, nada de impostores porque a um capitalista, isto é, os residentes em alguma capital, dizer nome feio é dizer: "vamos para a zona rural". Os que concordarem logo que a guerrilha deve começar por lá, devem ser idealistas: com estes os chefes podem contar. Revolucionários pretendendo conquistar o governo no outro dia, e mandados para a zona rural.

Jovens freqüentadores da rua da Praia, da rua Augusta, de Ipanema, do Pelourinho, da W-3 e da torre de TV, concordam em ir plantar alface e feijão enquanto a luta apenas se estrutura, são heróis. Abandonem

efetivamente seus haveres, suas alegrias, suas comodidades. Busquem a zona rural, não os bancos universitários, busquem a chuva e o frio, não a casa paterna; busquem o desconforto, não o banho quente; busquem a ferida, não o corpo são; busquem o tiro, a corrida, o esconde-esconde, o medo, a intranqüilidade, o desespero, a solidão, o informante perigoso, o guia pago, a mulher amada enquanto dura a fortuna.

Isto é a guerrilha.

Guerra de Fortes. De machos.

Que horror!

Avante pois, à zona rural, lá está o paradouro dos ideais. Longe de estradas, de pais e namoradas, de faculdades e cidades, de amantes e amores, de tranqüilidades e confortos, de motos e autos.

Para o vento e o pó, o frio e a chuva, o sapato furado, a calca rasgada, a arma insegura, a rede puída, a barraca descosturada, o rancho mal feito.

E a alma no asfalto, a casa quente, o banho de Lorenzetti, o fuca do pai, a namorada do amigo, a esposa do vizinho, a calca serzida, a cama que a mãe arrumou? Estes são os grandes pensamentos da guerrilha enquanto não chegar a hora de marchar.

Não há dúvidas. Só a zona rural permite a guerrilha organizar-se.

Preparar seus quadros. Domesticar os agricultores próximos. Treinar até a exaustão a luta, a conservação. Amoldar os espíritos ao sofrimento. Os corpos ao desconforto. Dia após dia. Noite após noite. Semana entra, semana sai.

Até que são pressentidos. Pelo prefeito, pelo subprefeito. Pelo alcagüete, pelo milico de folga. Pelo vizinho que quer a recompensa. Pelo desertor. Pelo amigo da véspera.

Então, . . .

À luta! Atirem pouco! Só contra alvos certos! Defendam a retaguarda! Começou a caça. A guerrilha é dela. Nada a temer. Há a força do ideal.

Afinal, governo é governo, poder pelas suas qualidades ou quantidades.

Nada como a zona rural. A fuga pelo agreste. Pelo mato. Pelas roças. Pelos rios e arroios. Pelos montes e quebradas. Pelo medo que causa ao soldado atacar contra o que aprendeu, sozinho frente aos descampados, ás

árvores, ao milhará!, dobrando montanhas ou singrando os banhados.

Avante pois a zona rural, lá está o paradouro de nossos ideais! É próximo aos rurícolas que se forjam os grandes líderes, os grandes condutores. Foi assim com César, Carlos Magno, Washington, Napoleão, Mão e Guevara.

Você talvez seja o próximo.

Mas quem se dispõe hoje em dia abandonar os confortos da cidade grande para voltar â Idade da Pedra?

Só o guerrilheiro. Que depois de vitorioso vai para a Capital, para os palácios, para o asfalto.

Afinal, se a vitória foi da zona rural, por que estranhos desígnios ou paradoxos a cidade é a vitoriosa?

4 — Táticas guerrilheiras

Dois princípios são imutáveis em qualquer guerrilha: a necessidade de causar o maior dano ao governo com um mínimo de custo em homens e o cuidado com o parque bélico.

O primeiro evidencia-se porque a equipe do "oba-oba", também chamada de "pula- cerca" ou "em cima do muro", só decidir-se-á a tornar-se revolucionária na última hora, quando o movimento, pela envergadura alcançada, tornar praticamente certa a derrubada do governo.

Até chegar esta hora os guerrilheiros têm de contar com a dificuldade de aumentar seus quadros, com a perseguição implacável que certamente abrirá claros humanos, e a defecção dos elementos menos aguerridos.

Estes acontecimentos não podem ser calculados, nem quanto ao tamanho da ocorrência nem quanto ao tempo e lugar.

Por isso, prevenindo-se destas perdas é costume haver entre os guerrilheiros sessões de educação ou reeducação quando o pensamento político da guerrilha poderá ser explicado, defendido e inculcado a toda a tropa.

O segundo princípio diz respeito ao parque bélico.

Entenda-se por parque bélico os revólveres, facas, carabinas de todos os calibres e todos os objetos capazes de produzir prejuízos ao inimigo, ou garantir a defesa dos guerrilheiros.

Adiante abordaremos melhor o assunto.

Quando uma carabina, por velha, tem o costume de disparar para trás ou o revólver tem munição tão oxidada que é um perigo usá-la, é conveniente tomar-se uma das duas posturas: entregar a arma para que o inimigo a use ou dispará-la através de um cordãozinho, ficando o atirador posicionado atrás de uma pedra.

Nestes casos sempre é bom levar junto a pedra pois poderá ocorrer um confronto em uma zona plana e a pedra será fundamental para preservar o homem, ou servir-lhe de camuflagem ou de arma.

Sobre o assunto pedra qualquer geólogo poderá dirimir dúvidas quanto ao tamanho, cor, resistência etc., a fim de achar-se a que melhor se adapte aos interesses.

a — Relacionamento e pesquisa local

Encontrado o local ideal, os membros da futura guerrilha deverão, um a um, irem se concentrando no lugar, dando pretextos diferentes e entrando em contato com os habitantes da região, fazendo amigos e conhecidos, prestando obséquios.

Um poderá' chegar até o lugarejo mais próximo e abrir uma farmácia, vendendo homeopatia, Infalivina, Saúde da Mulher e Biotônico Fontoura.

Outro fingir-se-á escritor em busca de inspiração.

Três ou quatro virão para comprar um pedaço de campo para fazer uma experiência agrícola.

As mulheres do grupo poderão dizer que são da Rede Globo, já trabalharam na novela das sete: com isso terão a simpatia imediata de todos e todas.

Depois de formada a malha de conhecimento, partir para o campo, localizando as rotas de ataque e fuga, as cavernas, cursos de água, lugares de vau, as matas da região.

Depois deste trabalho preliminar que leva vários meses, se tudo ainda estiver a contento, isto é, se a farmácia não quebrou, se o escritor não foi seduzido pela viúva do fim da rua, se as experiências agrícolas não tornaram ricos os pesquisadores, se as mocinhas da Globo não se auto sugestionarem de que são mesmo da novela, então o grupo está pronto para a luta.

Poderão mandar buscar o restante da equipe, encaminhando-os

diretamente para os fundões escolhidos, onde permanecerão escondidos.

Os demais devem seguir com sua vida normal: serão informantes e catequistas nas vilas próximas.

Após, levando em conta outros dois fatores — só atacar de noite e não morrer —, o grupo estará pronto a iniciar mais uma guerrilha, capaz de, pela surpresa e rapidez de seu s a ta quês, trazer em suspense a Nação e em suspenso o Ministério.

b — Propaganda

Levados a efeito os primeiros ataques, os grupos táticos que permaneceram nas vilas e cidades ao redor passarão a fazer o levantamento da opinião pública, ouvindo, debatendo, sugerindo, concordando ou discordando da luta de forma a sempre estar com a opinião do interlocutor.

E isso é muito fácil.

Um rápido aprendizado, com qualquer político do partido do Governo, ensinará como concordar sempre.

c — Fundos

O tempo dispendido na luta implica em gastos com a manutenção das equipes em seus lugares, em compras de armas clandestinas ou não, em munições, alimentos, agasalhos, medicamentos, informantes, etc.

Se entre os lutadores não houver nem um filho de pai rico desejoso de extirpar de seu sangue esta chaga cruel, pois como todo pobre sabe, rico é um corrupto que ganhou dinheiro roubando do próximo, a forma usual de arrecadar estes fundos é através de assaltos a bancos.

Como os juros dos mesmos estão cada vez mais altos, estes assaltos, desde que se subtraia apenas o dinheiro do próprio banco, não causará qualquer reacão aos clientes presentes, salvo talvez um sussurro entre dentes: "ladrão que rouba ladrão. . ."

Deixa claro o autor no entanto que não concorda com este tipo de interpretação.

Por pouco valor que tenha o dinheiro de um país, às vésperas de uma guerrilha, alguns milhões de qualquer tipo de moeda serão um bom encaixe e auxiliarão a manter o movimento por vários meses.

Se não houver despesas maiores a serem feitas, seria conveniente comprar Letras do Tesouro Nacional, ao portador.

Desta forma o dinheiro não se desvalorizará e não se pagará imposto de renda sobre o lucro auferido.

Se o Conselho Superior da Revolução resolver colocar o dinheiro em caderneta de poupança, como medida de cautela, não seria conveniente abri r a conta em nome deste Conselho.

Por outro lado, por mais idealistas que sejam os homens, há o episódio da Revolução de 1930 no Brasil, onde a pessoa escolhida para ser o chefe da revolução foi a Buenos Aires comprar armas com duzentos contos de réis, fortuna inconcebível para a época, e resolveu ficar por lá dando sumiço ao dinheiro.

Portanto é conveniente que estes fundos, tão bem havidos, sejam controlados por mais de uma pessoa, apenas por precaução, é claro.

d — Treinamento

A luta a ser travada é uma guerra de movimentos.

Rápida no ataque; rápida na retirada.

Os obstáculos, mesmo conhecidos, são obstáculos.

Os guerrilheiros contam apenas consigo e seus companheiros.

Apenas um que fique para trás, ou por ferido ou por faltar-lhe preparo físico, pode desagregar ou pôr em risco toda a luta.

É evidente a necessidade de estarem os membros da guerrilha treinados para resistir aos tremendos esforços físicos que lhes serão exigidos.

O companheiro conhecido como Botão, ou o Moleza, o Magriça, o Filósofo, todos têm o mesmo pecado: a inexecução de qualquer exercício físico.

O primeiro passo é colocá-los a caminhar, a correr, a andar de bicicleta, cada dia um pouco mais.

Sempre fiscalizados por um mais capaz.

Depois de melhorar o preparo físico, passa-se ao treinamento coletivo do grupo, em guerrilha simulada.

Busca-se uma praça pública onde haja brinquedos, como rema-rema, gangorra, tubos de concreto e trapézios.

Com a licença do guarda, aparvalhado de ver adultos usando os brinquedos e brincando sério, quando o certo é ver crianças quebrando-os alegres, fazem sessões diárias nestes aparelhos.

O rema-rema é fundamental para teram força no braço, necessária para o transporte de cargas e companheiros feridos.

A gangorra é porque após a vitória virá a distribuição dos cargos do governo, e nada melhor que uma gangorra para sentir-se os altos e baixos da vida.

Sem os tubos de concreto, como iriam aprender a não ter medo do escuro e caminhar nos túneis que deverão ser escavados?

Finalmente, os trapézios servem para treinar a andar sobre árvores, galhos, ferros etc.

Como se vê, usando as coisas do governo, podemos facilmente derrubar um.

Para exercitar o fôlego, o exercício ideal é apertar campainha de portas térreas e sair correndo até dobrara esquina: considera-se apto quem chegar lá antes do dono abrir a porta.

Enfim, são inúmeras as possibilidades de se exercitar um futuro guerrilheiro, basta cada um inventar uma maneira, que, como as acima vistas, não despertem a atenção dos órgãos de segurança.

LIVRO II

1. - A preparação

2. - O capelão

3. - O equipamento

4. — As armas

1 — A preparação

Assim como o combate, clímax da guerrilha, necessita de movimentos, táticas e deslocamentos prévios, assim *a* luta armada necessita de preparação prévia.

A luta armada, característica do movimento, só poderá ser desfechada após terem sido vencidas as etapas anteriores de preparação do combatente, organização do parque bélico, escolha do teatro de operações e levantamento de suas potencialidades, como população, estradas, fontes abastecedoras, lugares de defesa e ataque.

Tudo isso demanda tempo e o guerrilheiro deve ser como um funcionário público: não ter pressa para executar suas tarefas.

O grupo precursor, aquele encarregado de levantar as potencialidades da região, poderá executar seus misteres ao mesmo tempo que os futuros guerrilheiros estarão treinando.

O romantismo, infelizmente, tem deturpado muito a guerrilha, mostrando-a como sendo uma equipagem de barbudos, nutridos, bem armados, andando pelas sendas das montanhas como um antigo colonizador: senhor de seu destino, livre na natureza amiga.

A realidade é o contrário: as mulheres da guerrilha, por exem-P'o, nunca se deixam fotografar barbudas. A alimentação pode ser farta em uns dias e inexistentes em outros. Os caminhos da montanha, mesmo bem conhecidos, podem transformar-se em pedras cobertas de limo, úmidas e escorregadias no inverno. O acampamento, sob o peso da chuva, transforma-se em um barreiro. As marchas, sob o peso da mochila, levam o homem à exaustão total. E para isso devem estar preparados. Preparando-se para os maus momentos, os bons serão ainda melhores.

Os primeiros contatos

Acertada entre os idealistas a luta armada contra o tirano, o próximo passo será a escolha da ideologia do movimento.

Não que interesse muito, pois aí estão os grandes deste mundo, trocando de posições políticas e ideológicas, como o homem troca de cuecas.

Sua importância, no caso, diz respeito ao respaldo possível de conseguir-se com a Embaixada ou Consulado dos Estados Unidos ou da Rússia.

E, verdade seja dita, estes povos irmãos (entre eles) nunca deixaram um simpatizante mal.

Também, com a quantidade de homens que a CIA e a KGB tem em suas folhas de pagamento, sempre é possível deslocar alguém para um ponto da guerrilha.

E isso apenas em nome da fraternidade universal e da auto - determinação dos povos.

É fundamental assim a filiação ideológica para saber se os treinamentos intensivos dos chefes será feito em alguma filial da United Fruits da América Central ou em Cuba.

É também importante a ideologia sob o aspecto do fornecimento do material bélico e paramilitar como rádios, medicamentos, hospital de campanha, etc.

Oscila muito, a bem da verdade, os interesses das grandes potências em termos de democracia ou implantação de novos regimes populares.

Não que as idéias sociais e econômica s de americanos ou russos mude, nada disso, o que pode mudar é o governante deles. E os rumos da política externa mudam por igual, porque o anterior alinhamento estava errado e a democracia exige novas posições.

Compreenda quem puder.

De qualquer forma, basta comprar um jornal na esquina —às vezes o primeiro comprado pelo guerrilheiro em sua vida — e verificar como está o aparelho digestivo do Búfalo Bill ou do Nicolau do momento, para se decidir sobre a ideologia do movimento.

Tomado este importante passo inicial, o próximo ato não deve ser uma figura de expressão, o próximo passo é em direção à embaixada ou consulado respectivo. No caso de algum destes países não ter representação diplomática local, procure-se a mais próxima. Chegando lá, deixe â direita a porta do embaixador e vá' até o fundo do corredor ou ao primeiro andar, em uma sala acanhada, onde atende o adido cultural ou agrícola. Este é homem.

Senão qual seria a função deles? O adido cultural oferecendo cultura a povos do terceiro mundo? A Orquestra de Nova York em Trinidad Tobago ou o Ballet Bolshóy em La Paz? O adido agrícola oferecendo recursos para o terceiro mundo melhorar suas plantações? Algodão no Chile ou girassol no Brasil? Pode-se ir direto ao assunto. Eles ouvirão, negarão algumas vezes, farão sinais de cabeça e mandarão os guerrilheiros embora. Logo após, com as gravações da conversa, buscarão elementos para saber se os interlocutores eram quem diziam ser.

Passem novamente na representação trinta dias depois. Durante este tempo os nomes dos guerrilheiros já passaram por uma triagem, as condições de

revolução idem, os interesses materiais e as possibilidades de jogar com a cabeça da guerrilha também. Se forem bem recebidos, tudo bem, o movimento contará com campos de treinamento e armas. Depois, virem-se.

Se não forem recebidos logo, o melhor é pular a primeira janela que encontrarem, porque a polícia do ditador já está chegando.

Não falaremos dos campos de treinamento de guerrilheiros da CIA ou da KGB porque não é pretensão deste *Manual* falar da pólítica externa destas nações amantes da paz.

No entanto nem todos os guerrilheiros receberão treinamento fora de seus país. Somente os líderes receberão passaportes falsos, vendidos hoje em algum consulado menor, pois salário de cônsul está muito abaixo da inflação. Em sua volta ficarão encarregados de transmitir o que aprenderam em termos de armas e de política. Ou seja, serão uma enciclopédia do bom e do vão combate. Eles serão os multiplicadores.

Assim que voltarem, seis meses depois, os antigos guerrilheiros, ainda desempregados, serão procurados para continuar a luta pelos ideais. Os recém-casados, formados, empregados ou sorteados na loteria, devem ser deixados de lado. Suas decisões de luta continuam em pé, mas, veja como é, a atual conjuntura nacional não admite uma guerrilha, etc., etc.

Agora, se dias depois a mulher do casado fugir com o leiteiro, o formado não encontrar emprego, o empregado for despedido e o sorteado verificar que sua sorte deve ser dividida com a sorte de outros milhares, procurem-nos: a chama revolucionária novamente estará acesa e, por um passe de mágica, a conjuntura nacional é a melhor possível para a guerrilha.

Como se sabe, "conjuntura nacional" é situação momentânea.

Estruturados os quadros, enquanto o destacamento precursor continua com seu trabalho de campo, os futuros guerrilheiros começarão o treinamento intensivo para desenvolver a parte física. As armas e munições necessárias ao início do parque bélico estarão sendo recolhidas em vários pontos do país ou recebidas clandestinamente na fronteira. A doutrinação continua, na linha adotada pelo fornecedor de armas.

Por isso não deve ser muito profunda, pois os azares da guerra podem modificar as coisas e, sendo o polimento tênue, é mais fácil de mudar de cor.

O preparo físico no entanto é o mais importante neste pe-r iodo.

Em capítulos próprios vimos como deve o guerrilheiro escolher o

local para estabelecer-se e como deve fazer o treinamento necessário para desenvolver-se fisicamente.

2 — O capelão

No Brasil chama-se capelão ao macaco velho, o esperto, capaz de dirigir um bando destes ágeis parentes do homem.

Como este *Manual* não é um estudo de zoologia, vamos a outra definição: capelão é o padre velho, esperto, capaz de dirigir-se a um bando de homens em uma corporação militar, buscando salvar suas almas.

Estas várias semelhanças tornaram possível o duplo sentido para a palavra. Tudo começou nas Cruzadas.

Como se sabe, as Cruzadas foram um movimento militar da Idade Média, onde os europeus lutaram contra os asiáticos, na região de Israel, para libertar o Santo Sepulcro das mãos dos árabes. Como os árabes desde tempos imemoriais eram os legítimos proprietários da região, fica difícil de entender como pode alguém procurar libertar um território expulsando o legítimo proprietário.

Durante o período colonial, na América, os índios aprenderam facilmente como isto acontecia.

Mas as Cruzadas levavam junto padres para servirem de guias espirituais aos cruzados, dando-lhes conforto quando a morte se aproximasse. Até hoje a medicina moderna, salvo os tranqüilizantes, não descobriu forma melhor de apascentar os moribundos. Não se confunda no entanto um padre com um macaco ou com um tranqüilizante.

De qualquer forma o costume frutificou, e como na Europa havia padres suficientes para todas as necessidades, os exércitos passaram a levar junto capelões para atender os serviços religiosos.

As vezes os padres exorbitavam de suas obrigações de salvar as almas e catequizar os índios.

Ocorreu, por exemplo, nas Missões Guaranis do Paraguai, Argentina e Brasil. Prontamente as majestades católicas de Portugal e Espanha mandaram seus exércitos destruir os aldeamentos indígenas, pois os jesuítas transformavam os novos cristãos em homens livres e isto, qualquer rei ou

ditador sabe, é um perigo para a liberdade.

A história é cheia de incongruências: quanto mais se aprende, menos se compreende.

Com o surgimento das guerrilhas latino-americanas, alguns padres se engajaram para prestar o auxilio da religião aos combatentes. Logo trocaram a batina pela calça, a pátena pela granada e o crucifixo pelo fuzil. Como esta vida pareceu-lhes mais folgada, quando as revoluções terminavam, continuavam agindo como guerrilheiros.

Pior ainda aconteceu com os padres europeus que aportam ao Novo Mundo em pleno século XX. Imaginam-se ainda no séc. XVI e não acreditam que os brancos a sua volta podem ser mais inteligentes e sagazes do que eles. Mas, afinal, aqui não moram só índios? Esta pergunta criou os padres terceiro-mundistas.

São favoráveis à reforma agrária, reforma urbana, reforma religiosa, reforma educacional. As reformas, se fosse por vontade do Papa, teriam levado Lutero, Calvino e outros à fogueira. Assim, os padres de hoje se confundem com os pastores evangélicos de ontem e as pobres almas se perguntam: com quem está a razão? Se a guerrilha for de direita, talvez não ache um padre para seguir o esquadrão.

Está a religião a fazer um papelão. Por isso o capelão-padre e o capelão-macaco trazem tantas confusões:

O primeiro quer chefiar, o segundo chefia.

O primeiro anda à esquerda, o segundo à direita.

O primeiro troca o hábito, o segundo faz o hábito.

O primeiro mata, o segundo defende.

O primeiro busca destruir a ordem vigente, o segundo é a garantia desta ordem.

O primeiro busca a anarquia, o segundo a harmonia.

Os dois são do terceiro mundo, tem pernas, braços e cabeça.

Só que a cabeça de um pensa mais que a do outro.

3 — O equipamento

O equipamento mental do guerrilheiro é a valentia, o espírito de

sacrifício, a capacidade de comandar, a resistência física.

Poderia se acrescentar a estes predicados outros como a disposição permanente para proteger amigos e feridos: o cuidado com não passar adiante informações, sendo lacônico no falar; a disposição para as privações da mesa.

Antigamente chamava-se a isso "viver como um monge". Hoje equivaleria a viver como um pobre — os monges já aprenderam ser desnecessário este sacrifício.

Os atributos morais do guerrilheiro podem ser desenvolvidos durante o período de treinamento e continuarão em progressão durante a luta. Aqui, ao falar-se em equipamento, a idéia é fazer um levantamento do essencial para um indivíduo poder viver, se não com conforto, ao menos com um mínimo indispensável para lutar contra as intempéries. Se a guerrilha for de esquerda, seguramente conseguirá capelões suficientes para formar um pelotão. Assim, forma-se o pelotão e deixa-se a religião.

Cada homem deve carregar consigo os artigos de uso diário.

Ao contrário dos exércitos regulares, com pontos certos de acampamento, com marchas definidas e toda uma infra-estrutura de apoio logístico, ao menos nos primeiros tempos, o guerrilheiro nunca sabe quais caminhos seguirá ou quando voltará ao local do alto anterior.

Daí a necessidade de o guerrilheiro, capaz de tantas camuflagens, nestes instantes transformar-se em caracol.

Nos primeiros dias, quando as colunas do ditador ainda não tiverem sido postas no encalço dos lutadores pela liberdade, quando as marchas são pequenas, quando os objetos a serem atacados estão próximos, o guerrilheiro menos avisado carregará consigo uma grande quantidade de artigos desnecessários, que pesarão quando as caminhadas forem mais prolongadas e mais rápidas.

Cada homem, por si, irá identificar quais os objetos mais valiosos a transportar.

O gaúcho não se separará do chimarrão.

O cubano do charuto.

O burguês de seus fardamentos bem talhados.

O religioso dos paramentos eclesiásticos.

Logo, no entanto, estes artigos ficarão escondidos para um eventual

retorno, e o homem caminhará levando às costas apenas aquilo diretamente ligado a sua sobrevivência e a sua luta.

Começando pelos pés, um bom coturno ou bota de cano curto, fundamental para as longas marchas.

Para evitar fungos, como o "pé de trincheira", que proliferam rapidamente em pés úmidos, é conveniente levar-se um par de sapatos suplementar. Assim, enquanto um é usado o outro vai secando.

Da mesma forma dois pares de meias, pelas mesmas razões.

Durante as marchas, após o calcado, o que mais sofre a ação da natureza são as calças. Estas devem ser de brim grosseiro e são facilmente encontráveis graças à moda vigente. Não há necessidade de etiqueta famosa.

Da mochila deve constar uma calca extra, pois um guerrilheiro não pode romper a marcha ou atacar um posto policial de bunda de fora.

Um espetáculo deste porte tirará qualquer seriedade ao movimento e deve ser combatido pelos chefes de coluna.

Duas camisas e duas cuecas, além de uma jaqueta, completam o vestuário necessário.

Para o descanso o guerrilheiro carregará uma rede: estendida entre duas árvores transforma-se em cama das mais cômodas, com a vantagem de ser muito leve.

Como o sono é indispensável para a recuperação das forcas físicas, recomenda-se, caso a luta seja travada no deserto, levar junto duas árvores para ter onde prender a rede.

Com a vantagem de servirem ainda para eventual camuflagem.

Para atender ao espírito, o guerrilheiro carregará canetas esferográficas, blocos de papel e livros. Os últimos poderão ser intercambiáveis com o restante da coluna, isto facilita o transporte *e* torna-a uma biblioteca ambulante. E é muito bom, pois alguns Ministérios da Educação doam, gratuitamente, obras para as bibliotecas. Bastará filiar-se ao Ministério e indicar os eventuais endereços para onde podem as mesmas serem enviadas.

Para proteção contra a chuva e o frio, deve fazer parte da equipagem uma lona plástica de quatro por quatro, e um cobertor leve. A lona, repartida ao meio, será presa alguns palmos acima da rede, por uma corda, formando um divisor de águas. As extremidades poderão ser amarradas por estacas. Desta forma tem-se um excelente abrigo contra a chuva e o vento. Um coberto leve

aquecerá suficientemente.

Há apenas de cuidar-se para o caso de algum guerrilheiro não ter lido este Manual e, com frio, tentar afanar o cobertor. Para evitar este contratempo e não acordar morto de frio, amarra-se uma sineta na ponta do cobertor. Quando ele for movimentado a sineta dará o alarme. Não se recomenda esta providência se a guerrilha estiver sendo perseguida ou se o guerrilheiro for sonâmbulo.

Para proteger-se das doenças, nada melhor do que uma lati-nha de primeiros socorros das vendidas nas farmácias: todos os artigos que as compõem, por imprestáveis para primeiros socorros, jogam-se fora.

Após, coloca-se na mesma mercúrio incolor, de preferência, já que o outro tem cor de sangue e muitas pessoas desmaiam vendo sangue.

Ataduras, gaze, água oxigenada, sulfas e antibióticos em pasta, comprimidos para diarréia, dor de cabeça e preventivos da gripe e outros preservativos devem ser ali guardados.

Com isso a farmácia do combatente está completa.

Para a alimentação carregam-se enlatados, chocolate e leite em pó. Devem, entretanto, ser guardados para os momentos em que houver falta de alimentos. Assim, quanto ma is enlatados houver na mochila, tanto maior a segurança de não se passar fome. Algum tempero, como sal, catchup etc. não faltará ao guerrilheiro previdente. Uma comida insossa é tão prejudicial quanto uma bala inimiga.

E para a roupa secar rapidamente é só levantar, dos dois lados da mochila, duas hastes de ferro, presas no topo por uma corda. Além de proteger a cabeça contra o sol, a roupa seca rapidamente e a coreografia de dezenas de pessoas caminhando em fila indiana com camisas e cuecas esvoaçantes sobre suas cabeças fará morrer de rir algum franco-atirador inimigo postado na zona de marcha: isso é uma vantagem extra.

Entre os vários objetos necessários citamos ainda um jogo de talheres, um abridor de latas e garrafas, agulha, botões e linha. Se for uma guerrilha asiática, agulhas de tricô também, pois são ótimo medicamento para o *stress.* Enquanto o guerrilheiro caminha, fiado no combatente da frente, vai fazendo seu tricô.

Nas guerrilhas dos povos latinos não são convenientes as agulhas de tricotar, porque sempre existe um desalmado para escondê-las.

Para distração e informação, baralhos, cigarros e um rádio portátil são todo o equipamento necessário. Na escolha do rádio deve se dar preferência pelos de pilha, mesmo as pilhas extras aumentando o peso é preferível ao elétrico. Nas zonas de guerrilha, onde a luz elétrica é escassa, nem sempre se encontra um focinho de porco para servir de tomada.

Para a higiene pessoal um sabonete, um sabão, uma escova de dentes, uma pasta de dentifrício, um pente e um aparelho de barba. São os artigos que pesam menos. No entanto, como é deprimente, durante uma marcha ou na conquista de um povoado, verse marchar homens sujos, barbudos, com cabelos degrenhados, mau hálito, e o suor delatando suas presenças a quilômetros.

Quando mais não seja para não serem denunciados, os guerrilheiros devem continuar mantendo os hábitos dos povos civilizados. Mesmo sendo o banho de água fria.

Finalmente, um facão afiado embainhado á cintura, um galão de cinco litros de gasolina, cordas e um bornal para carregar água completam as necessidades diárias de um guerrilheiro. Para colocar os artigos citados manda-se fazer em qualquer sapateiro uma mochila medindo meio metro quadrado com trinta de largura, em lona com costuras triplas. Duas alças de couro reforçadas prenderão a mochila às costas do combatente.

Alguns dos apetrechos poderão ser carregados â cintura. O peito e o ombro direito devem ficar livres para serem usados com granadas, balas e a arma. O fósforo, por falta de espaço útil, pode ser carregado por dentro do capacete de aço e em cima do boné de pano.

No início e no fim das marchas prova-se mais uma vez a irmandade dos guerreiros: um auxilia o outro a colocar a mochila e ficar em pé. Para caminhar basta encostarem-se, uns aos outros, em fila indiana, como quem vai cair. Este impulso inicial vai refletindo até o primeiro homem, que sendo o chefe, carrega menos coisas e pode dar o primeiro passo.

Os outros passos, é só acompanhar o primeiro.

Quando a guerrilha ficar mais forte, cada combatente receberá um *jeep para* uso pessoal.

Não há necessidade de carregá-lo às costas.

4 — As armas

Na antiguidade pré-histórica (como se sabe, então?) o homem dependia apenas de sua forca para lutar contra seus inimigos. Com o progresso humano veio a especialização em matar. Cada novo século de desenvolvimento da raça humana mostra um novo e mais mortífero invento. Conseguindo a humanidade chegar — não incólume, mas chegar — ao século XX, seria justo que o homem se sublimasse, buscando técnicas de matar seu semelhante nunca dantes imaginadas.

Coube aos Estados Unidos, maior potência industrial, agrícola e comercial do planeta neste final do segundo milênio, a graça de inventar a arma final.

Com o apoio de cientistas europeus emigrados durante a 29 Guerra Mundial, foi possível aos americanos dar um passo decisivo na busca de armas mais letais do que simples gases venenosos, bombas bacteriológicas, de napalm ou fragmentárias.

Lamentavelmente o fim da 29 Guerra permitiu o uso por apenas duas vezes da bomba atômica. Apesar das centenas de milhares de civis, mortos, mutilados, desaparecidos e com doenças incuráveis que estas bombas lançadas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki provocaram, não foi possível testar ao vivo algumas bombas mais poderosas, há épocas já sendo preparadas.

De qualquer forma, são os Estados Unidos credores, perante os outros povos, por terem levado o homem ao limiar da destruição mais completa, objetivo sempre buscado desde que o primeiro macaco resolveu ficar em pé.

De lá para cá, mesmo em pé, o macaco continua presente no comportamento do único animal existente sobre a terra que, segundo alguns sábios narcisistas, pensa. Já vimos que pensa.

Os bilhões de famintos, desabrigados e doentes do mundo, os que teriam alimentos, casas, hospitais, escolas e empregos, durante todo um ano, com o custo de um dia dos arsenais em permanente construção pelas nações mais poderosas do mundo — e até algumas que fabricam armas sem serem tão fortes —, estes sabem como o homem é, de fato, um animal pensante.

Ao contrário dos outros animais das selvas, os não pensantes. Estes, de acordo com os biólogos, só matam em defesa própria ou em busca de alimentos para sobreviverem, e a natureza, esta ignorante

criatura, cuida do equilíbrio perfeito entre seus seres.

É assim que desabrocham as flores na primavera, que os passarinhos começam os ninhos ao fim do inverno, que as manadas pastam no verão, que os peixes conhecem os rios de águas límpidas por onde navegam no outono.

Antes do animal pensante chegar.

Alguns guerrilheiros modernos já conseguiram armas tão sofisticadas quanto os foguetes terra-ar e terra-terra, de procedência russa. Os fuzis da série M, americanos, são de impecável performance. Mas então trata-se de guerrilhas já instaladas há muito tempo em um determinado território, com centenas ou milhares de homens com governo próprio, como, por exemplo, a OLP.

Em um caso como este, é desnecessário o uso do *Manual,* cujo objetivo é preparar as pequenas frações guerrilheiras nos albores das lutas de libertação. As quais, lamentavelmente, cobrarão também uma certa quantidade de vítimas.

No entanto, se tivermos sempre em mente as conferências de Genebra sobre a forma de fazer a guerra, o que é permitido e proibido, será uma luta de cavalheiros. Como as da Idade Média, quando, durante os torneios, os cavaleiros se encontravam para lutar esportivamente e vencia quem espetava primeiro o adversário em sua lança, fazendo-o saltar fora do cavalo e levando-o pelos ares, sempre espetado, até os pavilhões onde as gentis senhoras da época batiam palmas ou escondiam o rosto sobre os véus, galantemente, enquanto o espetado, em último estertor, era jogado aos seus pés.

Após estas digressões literárias, feitas a propósito como uma espécie de recreio, vamos estudar o título.

Quais as armas a serem usadas pelo guerrilheiro?

A resposta é muito simples: aquelas que tiver ao seu alcance. Se tiver um foguete Exocet, é claro, não atacará um comboio a tiros de fuzil.

Por outro lado, disparar o mesmo teleguiado contra uma patrulha móvel, parece-nos não ser o mais aconselhável. Isso porque um foguete necessita algo sólido para, ao contatá-lo, explodir, e corre-se o risco de errar-se a cabeça dura de algum adversário e o foguete não explodir.

No início da guerrilha, já vimos, o arsenal deve estar pronto e à

disposição dos combatentes. Por variadas razões pode haver um desencontro entre ambos: luta-se então com as armas disponíveis. Os selvagens da Guiné usavam zarabatanas contra os brancos. Os mau-maus atacavam suas vítimas a facão. Os vietcongs inventaram armadilhas de madeira.

Não se poderá exigir de guerrilheiros mais civilizados tanto expediente, mas de qualquer forma, o gênio inventivo década um pode ser aguçado ao máximo. Durante a guerrilha cubana, Guevara, adaptando um fuzil, transformou-o em poderoso lança-foguete. O assim chamado M-26 projetava, com o auxílio de um cartucho, uma garrafa de gasolina com mecha incandescente. Quando encontrava o alvo provocava uma explosão e um incêndio difícil de combater.

Os guerrilheiros de Canudos, sob o mando de António Conselheiro, penetravam nas linhas inimigas à noite, e espalhavam pelos acampamentos formigas de dolorosa picada. Pior ainda quando horas depois estas picadas transforma vá m-s e em feridas purulentas sem remédio capaz de curá-las.

Mas não devemos subestimar os civilizados: cremos possível que a massa cinzenta inerme que o atual ensino só faz por adormecer ainda mais, possa de repente, qual o estalo do Padre Vieira, transformar-se em algo de útil. Um facão, uma lança, um arco podem ser armas letais. Entre os gaúchos antigos a boleadeira era atirada com maestria. Uma guerrilha australiana não pode prescindir do bumerangue. Uma guerrilha americana deve providenciar de imediato em um Ford para cada soldado raso e um Cadillac para o chefe. Qual europeu partiria para a luta nas montanhas sem uma garrafa de vinho?

Foi a falta destas comodidades que fez Régis Debray debandar na Bolívia. Aliás, com muita oportunidade, pois em vez de transformar-se em herói morto, virou Ministro da França.

Sem ofender o idealismo de ninguém, parece-nos preferível lutar sempre, com denodo, pela segunda hipótese. Formigas, zarabatanas, fuzis ou foguetes — o guerrilheiro deve ser um homem de seu tempo, lutando com a adversidade e transformando-a em aliada. E o mais importante para conseguir esta aliança, usando as armas postas à disposição do audaz pela natureza, é, repetimos, esquecer os bancos escolares que, a julgar pelos formandos das atuais faculdades, devem ter currículos acadêmicos dignos de gregos. Isto é, ninguém entendeu nada do que ensinavam mas, após anos de estudos, era doutor com anel e canudo.

Não esquecendo a mais importante das armas: a palavra.

Ágil como uma faca. Cortante como uma espada. Rápida como um projétil. Estonteante como uma explosão. Feroz como uma metralhadora. Retumbante como um canhão.

Ou meiga como um cordeiro. Branca como o leite. Serena como uma cama. Aconchegante como uma barraca. Ou barulhenta como uma moto. Rodopiante como um helicóptero. Veloz como um avião.

Assim, com uma palavra bem empregada, estaremos armados, alimentados, protegidos e motorizados.

Esta é a arma fundamental. Creiam-me, mesmo os tolos. Está em desuso atualmente.

LIVRO III

1 — O cerco

2 — Aspectos fundamentais do combate

3- Em combate

1 — O cerco

Poucas manobras militares foram mais cantadas pelos poetas. O cerco romântico, produto de desditas amorosas ou querelas familiares, faz parte das mais célebres obras históricas. A bela história de Helena e Paris poderia ter um final feliz, não fora o espírito antidesportivo de Menelau, esposo da raptada. Ao contrário, Tróia conquistada, viu sucumbir todos seus habitantes sob o peso da espada.

No cerco de Tróia foram usadas as primeiras máquinas de guerra, destinadas a derrubar muralhas. Um pêndulo formado por uma enorme árvore, balançando na horizontal, era impulsionado de encontro às muralhas. As contínuas batidas acabavam por fazê-las cair. Os historiadores dão como inventor da máquina o herói Ulisses, que, para homenagear Menelau, mandou colocar na ponta do pêndulo uma cabeça de carneiro provido de vistosas aspas.

Outras histórias não românticas continuaram a circular depois pela Europa medieval, quando os nobres protegiam-se em seus castelos dos parentes e

amigos. Grossas muralhas e fossos profundos garantiam a segurança do local, ao contrário de hoje quando o homem acha-se indefeso contra os parentes e amigos.

Cantam os menestréis os cercos a estes castelos. A luta romanesca dos nobres, o desespero das princesas, a preocupação dos bufões, os "ais" das aias. E torrentes de flexas cruzando o espaço, enquanto buzinas vindas das florestas próximas dão ordens aos atacantes.

Tudo em uma edílica paisagem de campos verdes e árvores frondosas. Não importa os fossos rubros de sangue, a cidadela cercada passando fome e a sujeira exalando odores insuportáveis. Ou o azeite fervente, lançado das ameias, aleijando servos travestidos de soldados que agora não mais terão como sustentar as famílias.

Sim, eram cercos românticos. Como este é um estudo sério, deixaremos de lado estas operações que luzem na história dos povos para voltarmos à terra do século XX, já no fim.

O século, espera-se.

O cerco como operação bélica guerrilheira pressupõe uma estrutura maior de combate, quando as primeiras lutas vencidas aumentaram o número de guerrilheiros e se pode pensar em manobras maiores.

O envolvimento de uma coluna inimiga nem sempre leva à sua rápida destruição ou rendição. O cerco de uma cidade então, demandará semanas de inatividade, bloqueando-se as saídas, protegendo-se de ataques pela retaguarda ou contra-ataques da tropa sitiada.

O combate de rua, casa por casa, implica em um número grande de atacantes e pode eventualmente trazer surpresas desagradáveis. Para a luta guerrilheira este tipo de combate deve ser logo abandonado, pelo grande número de mortos e feridos que pode ocasionar.

Preferível é cortar os suprimentos de alimentação, luz, água, comunicações e medicamentos, proibindo a saída de seus habitantes. Isso funciona como uma bomba de efeito retardado e a implosão se dará de dentro para fora, quando a população carente entrar em choque com soldados famintos.

A rendição da praça será questão de dias.

Este tipo de luta deverá ser deixado para os últimos estágios da guerra, quando o tirano já sentir os pés tremerem, seus ministros e homens de confiança enviando as mulheres embora. E as filiais também, pois é difícil a adaptação em

terra estranha.

Em certas ocasiões pode ocorrer de os guerrilheiros serem cercados. Como são poucos e o inimigo é numeroso, como a vitória é tranquila para as forças regulares, os oficiais não mandarão seus soldados para um rápido e decisivo ataque. Preferirão cercar a guerrilha e desgastá-la através de caçadores, ataques aéreos e bombardeio de fustigamento.

Durante o dia os guerrilheiros deverão procurar dentro da floresta ou nas montanhas os lugares de defesa mais fácil, procurando esconder-se dos atacantes, sem revidar o fogo a não ser em caso de ataque direto.

Se tiverem sido cercados em campo aberto, o único recurso é rezar e ir para a cadeia, para aprender melhor as lições deste Manual. Aos mais atilados, aos cercados nas montanhas ou florestas resta apenas aguardar a chegada da noite.

A guerrilha é composta de poucas pessoas e a escuridão facilita o movimento de pequenos grupos; divididos, marcando encontro em local determinado, buscarão infiltrar-se pelas linhas inimigas. Se tiverem de entrar em combate, atrairão para um dos grupos os soldados que os cercam, permitindo aos restantes fugirem. Mesmo tendo de lutar, é possível que consigam escapar; é impossível um cerco perfeito em zona montanhosa ou florestal.

Certamente vai depender um pouco do fator sorte. Sorte e não simplórias superstições. Como qualquer guerrilheiro que se preze sempre carrega consigo uma figa, um trevo ou a medicina de sua tribo, estes amuletos indicarão o atalho certo.

Apenas deve-se redobrar os cuidados se for uma sexta-feira 13. O ideal seria um pacto entre guerrilheiros e forcas do ditador no sentido de não combater nos dias aziagos. Isso tornaria mais fácil o trabalho da sorte.

2 — Aspectos fundamentais do combate

Alguns aspectos da arte da guerra de guerrilha devem estar presentes na mente de comandantes e comandados.

Nunca esquecer que a luta é contra o ditador, não contra seus soldados. Assim, se for possível abater logo o tirano, melhor, poupa-se muito trabalho e muitas vidas. E não se fala em ação terrorista, não.

Distribuindo-se fotografias do mesmo entre os guerrilheiros, eles logo

perceberão se o ditador estiver na frente de uma coluna combatente comandando o ataque.

Os primeiros tiros a serem disparados, quer haja ou não combate, devem ser contra os primeiros soldados das primeiras colunas. O hábito de atacar a vanguarda trará para a mesma o desalento de um pelotão suicida. Com o tempo os soldados destacados para tal posição poderão revoltar-se ou, quando ouvirem os primeiros tiros, fugirem por imaginar-se o alvo.

Os americanos no Vietname conseguiram resolver o problema caminhando de costas. Os vietcongs nunca sabiam qual era a vanguarda e temiam atacar a retaguarda e serem castigados pelos chefes.

Além do mais, nunca se atira em um homem de costas.

Sempre é preferível o ataque de flanco: implicará em manobras rápidas do adversário, para contornar e auxiliar a coluna atacada, o que não é fácil. Além do mais, este tipo de ataque permite receber apenas uma parte do fogo inimigo, o que não aconteceria com um ataque frontal, quando as alas adversárias convergiriam todas para o mesmo alvo.

Há uma grande diferença entre atacar e receber como resposta tiros de metralhadora de cem homens e atacar e receber os mesmos tiros de trezentos homens.

Entre o baluarte guerrilheiro e as forcas do ditador sempre haverá uma terra de ninguém, aquela zona não controlada nem pela guerrilha nem pelo exército. No entanto, a população local continuará trabalhando e produzindo. Será uma das maiores fontes abastecedoras de rebeldes e governo. Por isso deve ser tratada com a maior deferência, no sentido de coibir excessos e pagar compras feitas.

Entre os vários sentidos do homem: visão, tato, olfato, etc. o tilintar do dinheiro é o que desperta todos os outros. Por isso é conveniente pagar em moeda e não em notas. Qualquer agência de caderneta de poupança ou banco provincial poderá fornecer moedas nas quantidades desejadas. O tesoureiro da guerrilha será o responsável pelo transporte guarda e contabilização da receita e despesa. Se houver qualquer quebra, de centavos que seja, ou se o mesmo recusar-se a continuar carregando o saco de moedas, ou pelas tantas gritar "não tenho mais saco!" e prorromper em choro, mesmo assim deve ser imediatamente fuzilado, como exemplo à tropa que deve saber carregar o saco e cuidar do dinheiro de todos.

Como um Ministro do Brasil.

3 — Em combate

Chegou a hora decisiva. É o coroamento da organização, do treinamento e da vigília. Não pode ser desperdiçado.

O combate é o momento fugaz da glória. Ou é aproveitado e forma os heróis, ou passa ao largo e forma os políticos.

A primeira noção a ter em mente diz respeito a ser o combate a fonte de abastecimento de armas e munições para a guerrilha. Nenhum combate deve ser travado se forem gastos mais armas e munições do que as possíveis de serem capturadas.

Alguns governos reacionáríos, conhecedores desta teoria, tem mandado seus soldados as frentes de combate armados de estilingues e canivetes. Isso, em variadas oportunidades, criou o pânico entre a guerrilha, cujos comandantes não sabiam se deviam atacar os inimigos e capturar os estilingues ou deixá-los passar, aprisioná-los e depois não saber o que fazer dos mesmos.

Felizmente na atualidade os tiranos já têm um sentido maior de dever e mandam os soldados armados, cumprindo assim as regras do jogo.

Às vezes as armas e munições recolhidas não são iguais as usadas pelos guerrilheiros. Há necessidade de um arsenal para onde devem convergir todas as presas de guerra, a fim de serem catalogadas e redistribuídas, cada munição com a arma correspondente. Isso poupa surpresas desagradáveis. E tempo: procurar num bornal balas de calibre 22, 32, 38 e 45 com cartuchos cal. 12, 16, 20 ou 24 enquanto as forças do ditador estão atirando e atacando, e o guerrilheiro atrás da árvore enche os ouvidos com o assobio das balas, sem achar o calibre a ser usado por sua arma, é uma das piores experiências possíveis.

Se assemelha a estarmos acocorados, calças arriadas, também atrás de uma árvore — não necessariamente a mesma —, fazendo uma necessidade urgente, quando ouvimos tiros, correrias e a voz próxima: "Estão nos atacando! Fujam! Fujam!"

E agora?

A emboscada

Não resta dúvidas quanto a ser a emboscada a principal forma de combate de uma guerrilha. Guerrilha pressupõe maleabilidade, rã pi dez, surpresa.

Na emboscada, estes elementos se conjugam para cair furiosamente sobre um inimigo desatento, superior em número e parque bélico, mas subjugado pela surpresa do ataque, pela rapidez das manobras e pela maleabilidade de guerrilheiro.

Uma pequena tropa conhecedora do terreno onde opera, enfrenta com nítidas vantagens forças superiores, com comando central rígido, avançando por lugares inóspitos em formação organizada. O franco-atirador da guerrilha tem mais possibilidades de êxito que o caçador do exército. Os guerrilheiros com liberdade para atacar quando e onde entenderem melhor podem, por longo tempo, hostilizar a tropa inimiga, apenas deixando-a alerta para cansá-la. Seu comando, entregue apenas a decisões do momento, não depende da estratégia maior, obrigando ao ataque suicida ou à retirada, quando a vitória está próxima.

Nos primeiros tempos de luta é a emboscada a forma ideal de garantir a vitória, sempre importante para o espírito dos guerrilheiros que recém começam a lutar. A emboscada deve ser preparada com alguns homens de reserva guardando as mochilas, outros protegendo as eventuais rotas de fuga ou aquelas por onde podem aproximar-se os reforços para os atacados, e um grupo de combate que participará diretamente do ataque.

Forças atacadas até quatro ou cinco vezes superiores podem ser derrotadas pela surpresa e violência do ataque inicial.

Para a primeira descarga, havendo armas de caça de grosso calibre são preferíveis à própria metralhadora, pois causam um número maior de impactos sobre a coluna atacada, com os infantes ainda próximos entre si ou os caminhões com os soldados ainda nas carroçerias. Um soldado ferido é multiplicador de lamentos e a primeira ferida sempre parece mais grave do que é na realidade. Sem sacrifício humano algum pode-se derrotar rapidamente os soldados, avançando e atirando sem trégua.

A rendição dos primeiros atacados redundará na fuga ou rendição de seus companheiros. Antes que possam se reagrupar, a força de reserva já providencia em separar o material bélico útil, fardamentos, sapatos, medicamentos, alimentos, enrolando o botim em sacos plásticos que poderão

ser escondidos próximos, para serem recolhidos mais tarde.

Os feridos e prisioneiros devem ser poupados, não só por razões humanitárias como também porque poderão amanhã serem vencedores e saberão retribuir o gesto de fidalguia. Do parque capturado apenas será levado o necessário para a reposição, o restante será guardado em lugar seguro e próximo. Este lugar deve ser marcado a fim de facilitar a outro grupo encontrá-lo se for o caso. Um pequeno mapa servirá de indicação segura.

Mas atenção com as estações do ano.

Os depositados no verão, na macega alta que esconde um homem, ficam a descoberto no outono. O arroio com uma árvore oca à margem transforma-se no rio caudaloso que cobre o oco e nos faz fundir o coco.

Duas a três horas é o tempo máximo, desde o ataque até a fuga. É de supor-se as volantes inimigas vindo em socorro dos companheiros ou mesmo sendo atacadas pelos atiradores postados para defender a emboscada. Toda a rapidez é indispensável para pôr-se em marcha rumo a local seguro.

Da mesma forma os guerrilheiros da cobertura, colocados em locais diferentes, devem marchar diretamente para o ponto de reunião. Os retardatários serão esperados apenas por um companheiro, escondido em outro lugar, pois sempre há o risco de alguém ser capturado, torturado e cantar o ponto de encontro. Seria a emboscada da emboscada.

Como a de Leônidas nas Termópilas: já certo de passará história como vencedor dos persas, vê surgir a sua retaguarda o inimigo guiado por Efialtes. Sim, o pior inimigo da emboscada é a própria.

Quantos e quantos exércitos modernos, sem pudor algum usam-na quando tal forma de lutar é própria da guerrilha? Lamentavelmente não se pode confiar em mais ninguém hoje em dia. De que adianta patentear uma idéia se logo aparece um japonês para copiá-la impunemente?

Não se fazem mais guerras como antigamente. Guerras em que mesmo o sangue derramado tinha uma coloração azul especial. Que eram, precedidas de fanfarras, estandartes e cargas de cavalaria.

Aliás, as últimas grandes cargas de cavalaria, as que demonstraram definitivamente a importância da arma, foram a da Brigada Ligeira Inglesa na Turquia e a da Cavalaria Polonesa na 1 ª Guerra Mundial. Turcos e alemães ate hoje se entusiasmam com o resultado das mesmas.

De qualquer forma, depois de Sir Lancelot ter levado à discórdia a

Távola Redonda, aspando o Rei Arthur, a cavalaria nunca mais foi a mesma e hoje, supremo desplante, o cavaleiro ainda usa um laço para derrubar o aspado. Fica-se assim sabendo: desde Arthur que o destino do boi sempre foi ingrato.

LIVRO IV

1) A sabotagem
2) A espionagem e seus objetivos
3) O seqüestro como arma da guerrilha
4) A guerra em lugares favoráveis
5) A área de segurança
6) A guerra em lugares desfavoráveis
7) O front político

1 - A sabotagem

Desde quando a serpente, com o auxilio de Eva, sabotou as boas intenções de Adão e levou-o para o mau (mau?) caminho, a sabotagem tem sido usada para alcançar-se grandes objetivos com pequenos riscos.

Zeus sabotava a virgindade das donzelas gregas transmutando-se em cisne, touro ou o que lhe viesse à cabeça de ditador do Olimpo. Nero sabotava os cristãos mandando atear fogo à Roma e culpando-os após. Carlos Martel sabotou os árabes, dando-lhes uma martelada na cabeça na entrada da França. Henrique VIII sabotou o Papa e ficou com Ana Bolena. Américo Vespúcio, simples piloto, sabotou Colombo e virou continente. A guilhotina sabotou Luiz XV e fez a cabeça de Maria Antonieta a qual não gostou do corte. Josefina sabotou Napoleão e este teve de mandar aumentar as portaladas por onde passava no sentido de altura — os menos avisados acharam que fosse mania de grandeza.

A história é uma contínua narração de sabotagens e vitórias. Faz-se a história com o nome dos destruidores.

A grande vantagem da sabotagem é ser uma arma violenta, usada no momento crucial, em lugar inesperado, com pouco perigo e grande resultado. Deve o guerrilheiro aprender a usar este método de luta com refinamento e objetividade. Nada de sabotar a Kibon adicionando sal aos picolés por ela

fabricados, disso não resultaria qualquer resultado prático. Agora, colocar alguma substância diarréica no prato do ditador quando ele estiver em um banquete oficial, rodeado de centenas de pessoas, de formas a não dar tempo para um recuo estratégico, seria prático porque nenhuma ditadura conseguiu subsistir com "coco" nas calças.

Mas não é refinado. A sabotagem também pode ser empregada contra veículos militares, blindados ou não, de preferência os que tragam munições. Para tanto, basta colocar alguns pregos na estrada e uma morena bonita algumas centenas de metros após.

Quando o veículo parar com os pneus furados e os guardas forem olhar a morena que está tomando banho logo adiante esta começará a dar gritinhos assustados e podem estar certos, a carga estará conquistada.

Se houver necessidade de tirar fora de combate os ocupantes de um transporte de tropas, nada mais fácil. Basta pegar um vespeiro, colocá-lo dentro de um saco plástico e, quando o veículo passar, certamente com alguma janela aberta, jogar o saco para dentro.

Haja saco para agüentar as vespas. Mas, cuidado, não se aproximem quando o veículo parar: provavelmente elas não tenham partido político definido.

A sabotagem pode ainda ser feita contra rodovias e ferrovias estratégicas. No primeiro caso basta tirar o rodo, e no segundo, o ferro. Elas ficarão palavras capengas e não terão mais valor estratégico.

Se no entanto houver necessidade de sangue, muito sangue, de um atentado violento que produza impacto, que desmoralize o exército e o ditador e que traga dividendos aos guerrilheiros, nada melhor do que descarrilhar um trem.

Para tanto, verifica-se o horário do trem de carga e quando ele passar nos subúrbios da capital, carregado de bois para o matadouro, bumba!.. . lá vai ele pelos ares.

Os animais mortos ou estropiados serão presas da população faminta, que chegará correndo, com facas, machadinhas, facões e xairas. A enorme carneação será notícia internacional e os guerrilheiros serão abençoados por levar a carne ao prato do pobre.

O ideal, em um segundo estágio da guerrilha, quando ela já tiver conquistado uma área maior de sua nação, é formar um curso de sabotadores.

Para ele serão convidados os agiotas, os atravessa-dores, os traficantes e os especuladores, para ministrarem aulas.

São os mais credenciados técnicos em sabotagem.

Após o curso os melhores alunos irão para uma especialização, quando contarão entre seus professores com banqueiros, representantes de multinacionais e predadores do meio ambiente.

Para não haver sabotagem a este *Manual* ficamos por aqui.

2 — A espionagem e seus objetivos

Uma importante equipe da guerrilha é a responsável pela espionagem. Não se trata de suplantar a beleza de Mata Hari, a esperteza de Phil Kylby ou a inteligência do serviço secreto de Israel.

Trata-se de deslocar alguns moços e moças — velhos não, pois pensariam apenas em espiar pelos buracos de fechaduras donzelas se despindo — com a função específica de espiar o objetivo a ser atacado ou assaltado, controlar o movimento e o número de tropas ou anotar o cotidiano das pessoas a serem seqüestradas. À primeira vista parece tarefa fácil, mas deve se cuidar de preparar uma equipe homogênea, com aptidões para cada serviço.

Se o objetivo é cruzar uma ponte, não há necessidade de enviar ao local um engenheiro de estruturas para verificar seus vigamentos. Agora, colocar no alto da montanha um míope cujos óculos quebraram no último entrevero, não será o mais acertado.

Para controlar e anotar o movimento de tropas e carros de combate a preferência é para um guerrilheiro que saiba contar até cem, por mais que isto desagrade a algum universitário que tenha se apresentado como voluntário. Em caso de assalto a banco, meio em desuso hoje, eis que a concorrência com assaltantes capazes de matar a sangue frio ou ferir indiscriminadamente é muito grande, seria conveniente realizar a expropriação diretamente ao Banco Central da República.

Por várias razões: segurança — ninguém esperaria um ataque como este; garantia — deve haver ouro no local, se o ditador não foi mais rápido; tranqüilidade — o máximo que poderá ocorrerá encontrar-se concorrentes de colarinho branco, os quais certamente concordarão em esperar outra oportunidade. Quando a espionagem visa acompanhar a vida de pessoas a serem

seqüestradas, fundamental é a escolha da vftima, isto é, do testa de ferro do capital espoliativo.

Quanto ao seqüestro, veremos sua execução no capítulo seguinte.

Os grandes mestres da espionagem mundial hoje são russos ou americanos. Os serviços secretos ingleses, franceses e alemães, pelo contínuo vazamento de notícias, e pela forma como estão infiltrados, nada mais são do que filiais da CIA e da KBG, o que, em termos econômicos, é muito bom para os europeus, pois um agente duplo sempre cobra menos de cada patrão. Assim consegue-se um espião em tempo integral pela metade do preço.

A grande diferença entre a CIA e a KBG é que a primeira esfria os adversários enviando-lhes para outro mundo, ao passo que a segunda esfria seus inimigos mandando-os para a Sibéria. Dependendo do prisma sob o qual se analisa as duas, uma está sempre com a razão e a outra é uma reles escola de homicidas. Saber qual, depende da ideologia de cada um.

Nos últimos tempos, as melhores operações levadas a efeito por estas duas irmãs, e que servem de exemplo para a guerrilha, foram a derrubada de Allende no Chile e a colocação de um espião junto ao chanceler Brandt na Alemanha.

A desestabilizacão do governo chileno, obra da CIA em comum acordo com outros terroristas americanos, indica como não se deve agir, pois a guerrilha é um movimento limpo levado a efeito por pessoas que têm como único salário o ideal.

Já os terroristas profissionais, da CIA no caso, têm como único ideal o salário.

O caso russo foi mais simpático, sem comprar militares, sem mandar bombardear palácios, sem matar mulheres, passaram a conviver com o governo alemão ocidental, exatamente uma das mais sólidas colunas antimarxistas da Europa. O episódio foi cômico, irônico *e* trouxe resultados positivos até o espião ser descoberto e o governo Brandt cair.

Assim devem ser as ações guerrilheiras: audaciosas e limpas. Nada do destempere verbal de Fidel que fala, fala e não deixa os cubanos trabalhar e progredir. Ou a violência indiscriminada do IRA Provisório dos Voluntários do Ulster, a sangrar a Irlanda do Norte. Ou da incompetência da OLP, possuidora de mais de doze mil guerrilheiros bem armados e treinados e incapaz de conquistar um palmo de terra aos israelenses.

3 — 0 seqüestro como arma da guerrilha

Deve-se selecionar previamente a pessoa levando em conta não o que ela julga valer, mas seu valor real. Entre estas duas medidas, na maioria das vezes, há uma defasagem muito grande e uma guerrilha não pode perder tempo colhendo narcisos.

De imediato algumas pessoas devem ser eliminadas da lista de um provável seqüestro. A primeira é o ditador: seqüestrado, logo assume uma junta militar que, dando graças a Deus pelo auxilio prestado, não negociará.

Marechais, generais, etc. também devem ser abandonados por que são concorrentes a menos para os outros candidatos à presidência - por isso, certamente, em nome da disciplina, não aceitarão qualquer troca.

Políticos e humoristas devem ser intocáveis, são eles que fazem a alegria do povo e a guerrilha deve ser simpática ao mesmo.

Banqueiros seriam um alvo viável. Normalmente no entanto são pessoas de idade sofrendo sérios problemas de saúde. Dificilmente agüentariam um cativeiro, prolongado a pressão do momento poderia ser fatal e, sem contra-partida, não há troca.

Eliminem-se os intelectuais, pois no seqüestro destes sempre há a concorrência das forças de segurança nacionais, sem dúvida mais habilitadas a este tipo de operações.

Mulheres, nem pensar.

A cortesia deve marcar a presença do herói.

Resta o corpo diplomático estrangeiro.

Fixada esta escolha, há que selecionar os candidatos.

O Embaixador do Japão deve sair da lista porque eles são todos iguais: imagina-se estar com o Embaixador no porta-malas quando na realidade é o chofer. Que fiasco!

Os representantes do Terceiro Mundo não adianta seqüestrar, seria considerada apenas uma piada de mau gosto. Preservar a imagem de seriedade e inteligência das lideranças guerrilheiras é um dever.

Dos europeus, apenas teriam valor suficiente para desencadear o plano Inglaterra, França ou Alemanha. Os demais países, apesar de ricos, não possuem indústrias e investimentos nas nações onde luta a guerrilha, incapazes por isso de comover o governo, dando a injeção certa da substância certa para a pessoa certa.

Mais dois candidatos seriam os representantes da Rússia e dos Estados Unidos.

Vê-se então o trabalho restrito à escolha de uma entre cinco autoridades, o que torna mais fácil a seleção. Como a do pobre: tendo apenas uma roupa, não sofre diariamente o tormento de não saber escolher o que vestir, eterno tormento de quem tem guarda-roupa cheio.

Para este *Manual* cumprir integralmente os fins a que se destina, vejamos como preparar o seqüestro de cada um destes representantes.

Partimos dos pressupostos de termos já anotações com a rotina diária de cada um, uma segura rota de fuga e um local secreto para escondê-lo. Fale-se em local secreto e não em aparelho porque estes, durante uma guerrilha brasileira, eram considerados seguros mas na prática eram como aparelhos de TV: todos os órgãos de segurança sabiam do colorido de cada artista.

O local secreto deve ser próximo à Capital da República, escondido, sem vizinhos perto, de fácil acesso, com várias opções de escape em caso de descoberta.

Deve ser tão secreto que apenas o alto-comando seqüestrador saiba sua localização.

É conveniente que o motorista encarregado de trazer o Embaixador preso também o saiba.

Por razões óbvias.

Isto posto, vejamos as opções:

a — O Embaixador da Inglaterra

Como todos sabem, a Shell e o Rolls-Roice por um lado e o Concorde e a Rainha por outro fazem a grandeza daquela ilha. Os habitantes atendem pelo apelido de *gentleman* ou *lady,* conforme sejam homens ou mulheres. O *gay é* apenas *gay,* não podendo ser considerado um *gentleman,* a não ser que esteja a serviço do trono inglês, quando então estas minúcias filosóficas, sem qualquer importância prática para os ingleses, não são levadas em conta.

Não vimos no capítulo sobre espionagem, mas vale o alerta sobre a alta tecnologia e capacidade das máquinas e homens que compõem o serviço secreto inglês. As máquinas, por serem máquinas, são incorruptíveis, agora os homens, depois que James Bond morreu, já não são os mesmos. Os russos que o digam, conforme vimos.

Como o seqüestro do Embaixador deste país pressupõe ser a guerrilha de esquerda, a fim de poupar trabalho e garantir um levantamento exato, deve-se procurar o agente local da KBG — aquele adido cultural ou agrícola da Embaixada Russa - o qual, através de suas ligações com Moscou, poderá conseguir os dados necessários sobre a vida do candidato ao seqüestro .

Inclusive até aqueles mais íntimos, como sabonetes, desodorantes e perfumes usados pelo Embaixador Inglês. Desta forma, praticado o ato, ele será tratado como se estivesse em sua própria casa, usando seus próprios objetos. Unindo-se a isso algumas edições do *Times* e o chá da tarde, evitar-se-á *o stress* do seqüestrado. E ficará provada a possibilidade do guerrilheiro também ser *gentieman.* O significado prático desta descoberta trará sérias conseqüências psicológicas aos ingleses: ficará demonstrado serem todos os brancos iguais. O que é um grande absurdo — qualquer morador da ilha sabe: negros, amarelos e outros brancos não são seus iguais.

b — O Embaixador da Franca

Se todas as histórias contadas a respeito dos parisienses forem verdade, o seqüestro do mesmo será muito fácil, independendo de qualquer levantamento mais refinado. Um belo grupo guerrilheiro feminino, ou melhor ainda, um grupo guerrilheiro feminino belo, desincumbir-se-á da missão "cun lauda". E a expressão usada é válida. Se estamos estudando uma especialização como esta do Manual, nada mais justo receber o "cun lauda" se a tese ou tarefa estiver provada.

Ainda seguindo os livros, se o francês for como dizem, a permanência de seu Embaixador entre seus seqüestradores será de grande valia pelos debates, conversas, narrações *e* propostas deste filho do século. O único perigo será libertar o mesmo pela sua simpatia antes de o Governo cumprir as exigências da guerrilha. De qualquer forma, muitas vezes planta-se para o futuro.

Quando neste futuro o guerrilheiro for Governo e, por sua vez, outros estiverem lendo este *Manual,* sempre é bom saber que a Embaixada Francesa é lugar de asilo garantido, graças às ligações feitas em tempo oportuno.

c - O Embaixador da Alemanha

Este homem de meia-idade, vermelho, de cabelos ralos, com propensão

à gordura, falando cheio de "rr" traz consigo toda a tradição de uma raça forte, destemida, inteligente, hábil, emulações de Fénix. Sua nobreza e linhagem se perdem nas lutas contra os romanos, quando as hordas das tribos germânicas começaram a forçar as linhas imperiais.

Saídos das selvas para os asfaltes, isto é, para os macadames das estradas romanas, logo aprenderam tudo a ser aprendido e passaram, por suas deduções, a ensinar os outros. Assim este povo glorioso chegou ao século XX dignificado e coberto das glórias do passado. Ainda presentes.

A primeira medida a ser tomada caso se concretize o seqüestro , é encher a geladeira de cerveja e a despensa de chucrute. Isto por certo levará a tranqüilidade ao gigante da Europa Ocidental.

d — O Embaixador da Rússia

Se as idéias políticas do leitor forem de esquerda, este capítulo poderá ser passado a diante, pois sua leitura é desnecessária. Para os restantes, uma observação preciosa: nenhum movimento guerrilheiro de direita até hoje pensou em seqüestrar um Embaixador russo. Essa proeza difícil, mas não impossível, entre outras vantagens secundárias permitiria ao movimento receber assessores da CIA, armas dos Estados Unidos e agentes do FBI para ensinar técnicas modernas de combate corpo a corpo. Seria notícia obrigatória em todo o mundo ocidental e o comandante da missão ganharia um contrato em Hollywood. O Governo combatido, em nome da ajuda militar russa, teria de fazer concessões importantes, pois todo embaixador ou autoridade russa pertence a uma nova religião chamada Nomenclatura, cujos membros tem entre si um pacto de auxílio mútuo e solidariedade recíprocas, pelo bem do comunismo e do povo russo.

Alguns políticos ocidentais afoitos e incultos definem esta religião como viver no e do Governo às custas do povo russo. Isso não é verdade, pois jamais se viu algum russo ir para os jornais moscovitas reclamar contra a atual situação nacional. Certo que o clima da Sibéria é inóspito, mas e o patriotismo, onde fica?

Como nenhuma guerrilha possui casacos de mink, mantas de astracã e rações abundantes de caviar, em nome das boas regras de sociabilidade, prover-se-á os confortos do Embaixador com generosas garrafas de vodka e uma edição de *O Capital,* de Marx, obra que, lidas cem páginas, obrigará o Embaixador a beber toda uma garrafa de vodka, ou pedir asilo político aos guerrilheiros.

Fantástico como *O Capital,* lido página a página, pode modificar os pensamentos políticos das pessoas.

e - O Embaixador dos Estados Unidos

Como diz a *Bíblia,* "os últimos serão os primeiros". Realmente, o último é o primeiro. Em qualquer tipo de loteria guerrilheira o grande prêmio seria o Embaixador Americano.

Um colega, escritor de renome, já narrou em novela os acontecimentos possíveis quando um grupo de seqüestro leva o americano errado. Já alertei os leitores sobre o perigo japonês do homem errado. Nos dias atuais um Embaixador dos Estados Unidos é mais bem guardado do que o próprio Presidente de seu país. Kennedy e Ronald Reagan que o digam.

A Embaixada é uma casamata. A residência, em muitos lugares no próprio local da Embaixada, em outros em algum aprazível bairro da capital, é uma fortaleza. Entrar e sair das mesmas com o Embaixador, só seu motorista. Se fosse possível conquistar para a causa o motorista, tudo seria muito fácil.

Mas, é claro, estes proletários não trocarão seu soldo do imperialismo pela luta nas selvas e nas montanhas. Isto é mais uma prova de como os americanos pensam diferente dos outros povos e corrompem as mentes.

Abandonada esta hipótese, vamos às demais.

Atacar e levá-lo pela força não seria conveniente, pois se a guerrilha tem já esta capacidade de fogo, porque não muda o endereço e vai à casa do ditador ou ao Palácio do Governo?

Aguardar em uma rua de pequeno movimento, e com a ajuda de vários automóveis, bloquear as passagens e, em um rápido golpe de mão, retirá-lo de seu veículo após trucidar sua guarda, hoje não é mais possível.

Os veículos de transporte do pessoal das embaixadas transformaram-se em viaturas militares disfarçadas de Cadillacs. Pneus à prova de bala. Chapas de aço ao invés de lataria. Vidros que não temem o tiro de fuzil ou metralhadora. Impermeabilização pela qual não passa a fumaça das bombas fumígenas. Preparados químicos à prova de fogo.

Rádio comunicação e armamento a bordo. Tudo isso afora os

itinerários que são modificados diariamente, os horários idem e a possibilidade de o Embaixador, ao final, ter saído de helicóptero, tornam praticamente impossível a empreitada.

E o Embaixador, seguramente com um metro e oitenta, velho, com cara de fuinha, vermelho na calva, fisionomia rapace, jamais poderia ser aquele homem simpático, de meia idade, de camisa esporte, saindo numa flamante Honda 400 pela entrada de serviço, alto, queimado do sol da praia, a juventude ainda presente nos seus quarenta anos.

Nem suas namoradas sabem sua exata profissão na Embaixada. O segredo é a alma do negócio. No entanto, há uma possibilidade de realizar-se a façanha.

Quando uma guerrilha já está forte para este tipo de atividade na própria capital, conta com elementos infiltrados nas tropas e junto ao ditador, no próprio Palácio. Todo Palácio de Governo que se preza possui centenas de funcionários conversando atrás de centenas de mesas e olhando através de centenas de janelas, que equivalem a dezenas de portas. O movimento contínuo entre as salas, o entra e sai dos governados e autoridades torna impossível um rígido controle entre estas entradas e saídas. Mais, a fiscalização é intensa sobre os que entram e não sobre os que saem. Daí porque, quando o cofre cai no pé de algum governante, a guarda nunca o vê sair com a lesão.

Com estas premissas, a pessoa infiltrada no palácio apenas aguarda o dia em que o tirano tiver audiência com o Embaixador. Os demais guerrilheiros estarão a postos em lugares pré-determinados. Pode-se apressar uma entrevista entre os dois fazendo circular o boato de que os Estados Unidos aumentarão as remessas de auxílio ao Exterior. Isto exigirá uma pronta presença do Americano, pois qual é o ditador que deixaria passar em brancas nuvens uma informação como esta?

Dinheiro americano no Terceiro Mundo, significa, todos sabem, mais estradas, mais pontes, mais escolas, mais água, mais saúde, etc.

Para a Suiça é claro, que cobra imposto sobre os depósitos de seus bancos.

Uma vez que o automóvel do Embaixador cruze o portão de entrada sua sorte está selada. Quando ele entrar no Palácio estará sendo esperado em uma das primeiras portas pelo infiltrado. Como a segurança é total, o Embaixador se

deixará guiar pelos corredores e portas que conhece.

Aí sim, em um dos corredores, se provoca adiante e atrás um engarrafamento de gente que impede a passagem de estranhos e esconde das vistas o que se passa à frente.

Rapidamente se aplica um pano com éter em seu nariz e transporta-se o homem através de salas de depósito ou daquelas cujos funcionários tenham sido liberados do expediente por uma ordem falsa. Leva-se o homem até uma sala próxima da lavanderia e a uma saída secundária. Enquanto isso, o motorista que aguarda o chefe será chamado porque o Embaixador lembrou-se de alguma coisa.

Enquanto ele entra por uma porta, sai pela outra um sósia, do seqüestrado, com outro motorista. Cada um toma seu lugar no veículo, faz-se uma ligação direta se a chave tiver sido levada, e o veículo parte de volta para a Embaixada. Logo adiante os carros da segurança irão acompanhá-lo.

Em uma rua de pequeno movimento, com a ajuda de vários automóveis, bloqueia-se a passagem logo após o carro do Embaixador. O motorista então acelerará como se estivesse fugindo do perigo eminente. Os carros da segurança ficarão impedindo e, como nada de maior acontece e o veículo do Embaixador não foi atacado, procurarão auxiliar no descongestionamento do trânsito.

Quando horas depois encontrar-se o automóvel do Embaixador vazio, é claro que ele foi seqüestrado e as buscas começarão ali. Do outro lado da cidade, há muito tempo, um furgão já entrou na zona rural levando o seqüestrado.

Este plano perfeito, ideal, foi descrito em suas linhas mestras. Claro, deverá ser minuciado, detalhado, ensinado aos atores, treinado, nada deixando-se ao acaso.

Se no final resultar impossível de concretizá-lo, já que existem tantos guerrilheiros no Palácio, fecha-se as portas do mesmo, pondo para fora todos os funcionários, prende-se o Embaixador junto com o Ditador e telefona-se para os jornais *e* agências noticiosas contando a nova.

Pensando bem, a última opção deve ser a escolhida pois fica muito mais fácil: não há necessidade de chaves falsas, éter, confusões de corredor, sósias contratados de alguma agência de publicidade, etc.

Uma opção como esta fez a glória do Comandante Zero, da Nicarágua.

Ninguém sabia porque era chamado de Zero pelos companheiros. Até que, para provar que ele devia ser o UM, resolveu derrubá-los. Pela primeira vez na história dos números, um ZERO teve chance de ser UM, acabando com um antigo complexo de inferioridade do pobre Zero que, para seu maior azar, na 29 Guerra Mundial, quando poderia ser o avião da vitória, era japonês.

Voltando ao Palácio, após esta rápida digressão matemática, presos o Embaixador e o ditador, todos os funcionários expulsos, poderá haver necessidade de os guerrilheiros enviarem um emissário às tropas que cercam o Palácio. Neste caso deve-se escolher sempre o ditador.

Evidente, alguém já viu, alguma vez, ma n dar-se para parlamentar o chefe, e não o preposto?

4 — A guerra em lugares favoráveis

Com o passar dos dias, semanas e meses em um determinado local, escolhido entre as melhores do país, com companheiros de luta infiltrados por toda a região, em um raio de muitos quilômetros (leia-se milhas nos países de fala inglesa), os guerrilheiros, em suas primeiras operações, podem escolher os lugares mais favoráveis para combater. O combater significa a emboscada, o franco-atirador, a linha de tiro, o golpe de mão.

Neste período da luta, quando o tempo e o lugar estão â disposição do lutador, protegido por uma população favorável, as ações devem ser minuciosamente planejadas. Nenhuma derrota será aceita já que implicaria na pergunta óbvia do povo:

— Mas e estes, não ganham nem aqui; que chance terão no futuro?

Como a cada pergunta corresponde uma ação, a próxima ação da população será debandar os guerrilheiros. Isso após meses de doutrinação marxista-leninista sobre as vantagens deste pensamento político, ou de doutrinação fascista, idem.

Daí porque se diz que os extremos se encontram. Há povo sofrido, oprimido, ignorante, infestado de parasitas, subnutrido, explorado pelos latifundiários. Com todos estes defeitos, ainda abandonam os soldados de sua redenção?

Se as coisas chegarem neste ponto, só resta abandonar estas almas, perdidas para sempre em sua impiedade, e voltar para a cidade. Aí, com os

fundos de guerrilha não gasto em armas *e* homens, pede-se uma carta-patente ao Governo e abre-se um banco comercial. Desta forma os guerrilheiros poderão acabar com os latifundiários emprestando a altas taxas, e liquidarão com os lucros dos industriais graças aos mesmos juros impraticáveis.

Em uma certa época da História do Brasil deve-se agradecer este serviço â causa revolucionária aos banqueiros deste país. Com os juros que cobravam da indústria, da agricultura e da pecuária não houve necessidade de luta armada para destruir estas forças reacionárias. Daí o dito popular: todo guerrilheiro é um banqueiro em potencial.

Voltemos, no entanto, á luta em terreno favorável. Dispondo do local e do tempo, ao contrário das forças armadas do tirano que gastam o seu procurando os guerrilheiros em seus santuários em uma missão suicida, todo cuidado é pouco. Para os soldados é uma luta implacável, perigosa, sem quartel, com a ordem geral de não se fazer prisioneiros. São noites mal dormidas, na mira do fuzil, assentado para a senda por onde a qualquer momento pode surgir uma coluna revolucionária. São dias quentes ou frios, mas sempre sob forte suor nervoso e nuvens de moscas que acompanham os soldados em sua contínua busca, através de rios e montanhas, descendo e subindo pela relva escorregadia, embrenhando-se nas matas ou nos capões ralos, ouvindo o matraquear do rádio portátil do capitão, recebendo ordens ou transmitindo informações para outros postos.

Depois, a volta fatigante para o acampamento, onde ao menos há água de todas as espécies e barracas para abrigar os corpos fatigados. E comida quente.

Pela manhã surgem pequenos pontos no céu, a forca aérea do ditador, mandada a auxiliar os soldados. Logo depois o som dos motores já é ouvido. Os aviões passam em vôo rasante, de reconhecimento. Abanam para os companheiros de luta. Depois dão uma longa volta, embicam novamente em mais uma passagem. E então despejam suas metralhadoras e bombas sobre o acampamento. . .

A soldadesca corre para esconder-se, atirando-se no buraco mais próximo. O *jeep* do capitão foi destruído. Uma bomba caiu justo sobre o fogão de campanha, onde se preparava a primeira refeição da manhã. As metralhadoras fizeram voar a barraca com munições. A nova passagem dos

pássaros de ferro, para concluir a destruição, não encontra mais alvo móvel algum.

Enquanto o som dos motores perde-se nas nuvens, ouve-se o som do rádio do capitão, mandando todo o mundo para aqueles lugares feios de dizer. Contando coisas das mães dos pilotos que ele não pode provar. Afirmando sobre suas esposas indecências que, se verdadeiras, impediriam o marido de fechar a nacela.

O pior foi *o jeep* incendiando.

— Mas quantos mortos e feridos? — brada a voz do outro lado.

Tá querendo mudar de assunto, é? — responde o garboso capitão de infantaria, pensando nos próximos dias a pé, quando terá de caminhar como os tenentes, sargentos, cabos e soldados. Que guerra infernal.

Melhor passar para o inimigo.

No entanto, alguns grupos militares encarregados de cercar a extensa área e enviar patrulhas em busca de contato com os guerrilheiros terão, é claro, melhor sorte.

Normalmente a aviação do tirano não faz muitas incursões diárias. Mas cada encontro representa baixas entre os soldados das primeiras filas: é a emboscada bem preparada, é o franco-atirador que ninguém vê, a linha de tiro fugindo após a primeira descarga para atocaiar-se logo adiante.

E o inferno da busca nas vilas? Cada casa, janela ou porta ameaçando. Cada muro escondendo um fuzil. Pelos pátios internos das casas, correm os guerrilheiros a cercara tropa na próxima rua.

Conforme se sabe pelos muitos filmes que todos vimos, há uma praça grande, uma igreja branca, um padre de preto, poucas pessoas na rua e as casas de estuque, baixas e caiadas formando o pano de fundo para aquelas vidas anônimas lançadas na voragem da guerra.

A tropa pára no bolicho para pedir água e vê-se cercada. Sem um tiro é desarmada. Armas, munições, remédios, comida, são transportados imediatamente para lugar seguro, por gente silenciosa.

O comandante revolucionário reúne os soldados longe de seus oficiais e chama o colega encarregado da iniciação política para fazer sua parte. Fala para vinte, trinta homens silenciosos, soldados cumprindo apenas seu

ano de instrução. Estudantes, operários, agricultores desejosos apenas de voltar para suas casas. Nada sabem de política, partidos ou ideologia. Desconhecem os políticos, as facções e pouco lhes importa quem seja o governante.

Agora estão sob a mira de metralhadoras, longe de suas casas, assustados, indefesos e vendo um homem em pé, a falar, falar, falar. O sentimento mais caro ao homem, o de preservação da vida, latente em suas cabeças, busca uma saída, qualquer saída. A longa arenga cessa por momento, quando se ouvem ordens e rajadas de fuzilamento próximas ao local para onde foram levados os oficiais. Logo após as adesões dos praças se sucedem, tamanha a forca do pensamento guerrilheiro, pensa feliz o doutrinador. Assim, enquanto por um lado da vila sai a guerrilha com novos e fervorosos lutadores pela causa da liberdade, pelo outro saem o capitão, tenentes *e* sargentos, libertados sob juramento de não mais lutarem.

Juramento de pouco valor, direis. Realmente assim é.

Mas, entre eles, está o tenente que, por manobras sub-reptícias em outras oportunidades, já levou seus superiores e soldados a outras emboscadas. Impossível fixar qualquer casualidade entre as patrulhas emboscadas e o tenente que delas participa, pois não é comandante.

Libertar alguns oficiais e sargentos é um preço pequeno pelas apreensões feitas pelos guerrilheiros. E nosso tenente já tem a carreira garantida no futuro exército a ser formado após a vitória. Pelos seus méritos, já é tenente-coronel. Ou, como se diz no jargão militar, há várias maneiras de "caronear" o amigo da véspera.

Em combate deve-se dar sempre preferência a atirar nos oficiais. Como estes também saberão disso após lerem este *Manual,* poderão estar vestidos como simples soldados ou sargentos.

Há um evidente objetivo de atrapalhar os guerrilheiros que, devendo atacar e fugir rapidamente, necessitam de alvos facilmente distinguíveis, ainda mais quando trata-se da ação de franco-atiradores.

Lamentavelmente as convenções de Genebra sobre o uso de práticas de guerra, capazes como se sabe de proibir qualquer atividade bélica que cause sofrimento desnecessário aos combatentes ou ao povo, não se posicionaram quanto a esta atitude de alguns oficiais de exército em luta

contra guerrilheiros.

Estão creditadas a estas convenções algumas grandes vitórias para tornar a guerra mais amena, como as proibições ao uso de gases letais, o bombardeio de populações civis, o lançamento de substâncias químicas que prejudiquem o meio-ambiente, etc. Foi graças às convenções que não houve a 1ª Guerra Mundial, Hirosshima e Nagasaki nunca foram bombardeadas, *e* os americanos não usaram desfolhantes e outros agentes químicos de efeito prolongado sobre as florestas vietnamitas, sem falar da guerra Ira x Iraque.

Sim, as convenções de Genebra sobre o uso de armas durante as guerras têm propiciado guerras limpas, executadas de acordo com regras pré-estabelecidas. Aqueles que lêem pelos jornais as notícias a respeito das guerras, declaradas ou não, que ora se desenrolam, sabem que assim é.

Mas, como dizia antes, esta prática de troca de uniforme deve ser considerado crime de guerra. É hediondo não saber quem matar e, eventualmente, atirar em um soldado inocente pensando ser ele um oficial, apenas por estar com os coturnos mais limpos.

Às vezes ocorre estarem eles mais limpos pela simples razão de o soldadinho ter usado um sapato sem sola durante um mês e, encontrando aqueles novos nos pés de um companheiro que seguia para a retaguarda, em busca de medalhas, fazer uma troca satisfatória para ambos.

Assim, se os oficiais fizerem a monstruosidade de usar uniformes de soldados, deve-se esperar até o primeiro "alto" da tropa para refeição. Quando os cozinheiros estiverem preparando alimentos e formando grupos — soldados de um lado, sargentos de outro e oficiais mais além —, é fácil de distinguir-se, apesar dos uniformes, quem, sendo soldado, age como tal e quem, estando vestido de soldado, fuma na frente dos sargentos.

É uma simples questão de observação.

O guerrilheiro então, imediatamente fará fogo sobre os cozinheiros.

Mas, não é possível, os oficiais estão ali, bem sentados, fumando despreocupados.

Não só é possível, como é a medida certa. Atira-se nos cozinheiros e a tropa irá passar fome porque ninguém saberá cozinhar com acerto para tantos soldados famintos. Depois recua-se, deixando para trás um grupo encarregado de prender o primeiro soldado que tiver problemas digestivo,

quando a comida mal feita por um voluntário começar a fazer efeito.

Prende-se o soldado e manda-se por ele uma mensagem, aos outros soldados, sargentos e oficiais. Ou estes se vestem como oficiais ou os cozinheiros continuarão sendo postos fora de combate.

Nenhum soldado aceitará que seu comandante lhe faca passar fome ou dor de barriga. E este princípio de quebra da disciplina tem efeitos colaterais importantes. Pode ser um rastilho como o do Encouraçado Potemkine.

Se algum soldado ou oficial houver visto o filme.

Resumindo. A guerrilha em terreno favorável deve ser feita de forma a não passar vexame perante a população civil e obedecendo estritamente as normas das convenções de Genebra, ou seja, os ataques devem ser feitos com grande barulho e não deve haver prática de violência desnecessária.

Desnecessária, como se sabe, é um adjetivo de interpretação diferente entre o poltrão e o herói, o torturador e o confessor. Daí porque só um hábil comandante poderá avaliar os gritos necessários para fazer correr o inimigo, e os pontapés nos traseiros, necessários para fazer os subordinados atacarem.

5 — A área de segurança

Organizado o esquema guerrilheiro sobre uma base de difícil acesso, seja nas montanhas, nos desertos ou pântanos, delimitado seu raio de ação inicial, uma vez preparada politicamente a população, o guerrilheiro deve sair a lutar. Com isso marca sua presença em uma determinada região e inicia o levante popular.

À medida que os combates forem se travando, aumentarão o número de combatentes e a captura de parque bélico. Localizado no local de melhor defesa destas zonas agrestes, próximo ao centro geográfico de operações da guerrilha, ficará o centro administrativo, ou área de segurança máxima. Para este local convergem as presas de guerra.

Lá estará instalado o hospital. Os depósitos de armas e munições. Os armazéns de gêneros alimentícios. A sapataria, e a alfaiataria. A fábrica de pólvora e a oficina de reparo de armas. O jornal mimeografado e a rádio.

Não esquecendo o alambique, peça importante para o lazer da tropa.

Cuidado especial deve haver no sentido de evitar a concentração de edifícios e serviços em uma área restrita. Um centro nervoso como este deve estar bem camuflado para evitar ataques e bem protegido para garantir a segurança dos que nele trabalham.

As funções administrativas devem ser entregues a um guerrilheiro capaz de cuidar dos problemas de infra-estrutura que esta base *criará.* Em alguma pastagem próxima deverão estar arrebanhados os bois, cavalos e mulas necessários para o alimento e transporte da tropa e a locomoção dos mensageiros. As trilhas entre as várias frentes deverão ser estudadas e ensinadas àqueles encarregados de contato entre as guerrilhas em operações.

Uma vez estendida a luta as forças avançadas estarão sempre mais distantes da base inicial. Em um primeiro momento esta profundidade nunca deve ser maior do que cinco horas, tempo este necessário para uma retirada em ordem ou a proteção de outro grupo guerrilheiro agindo em paralelo. Uma vez garantida uma área maior de raio, quando os combates já se travam longe das populações iniciais, tal como abelhas, deve-se lançar um novo enxame. Com a infra-estrutura do primeiro, montar-se-á nova base em novo local protegido e de difícil acesso, e de novo o trabalho de politização da população começa. Como, no entanto, a luta já está sendo travada em várias frentes, o campo de operações delimitado pelos soldados do ditador, maiores devem ser as precauções.

As distâncias sendo maiores, a necessidade de comunicações entre os vários outros grupos guerrilheiros é fundamental. Se houver rádio este divulgará notícias de interesse em horas determinadas. O jornal será distribuído em todas as frentes. O mensageiro, a cavalo, e até sinais de fumaça e de espelho podem ser empregados para comunicações. Nas guerras antigas os generais comunicavam-se através de pombos-correio. As convicções ideológicas dos guerrilheiros não impedem também o uso destes pombos.

Por outro lado, aumentando o número de combatentes e a área de operações, as possibilidades de infiltração contra-revolucionário são evidentes. Os adversários, treinados pela CIA ou KGB, recrutados entre os próprios oficiais do ditador, facilmente penetrarão na guerrilha. É difícil descobrir-se, num movimento sem grande aplicação organizacional, quem

são eles.

As decisões secretas, os movimentos a serem executados, os depósitos criados, a movimentação próxima ao quartel general, devem ser restritas a poucos e selecionados elementos.

O combatente vai criando méritos dentro da guerrilha na razão direta de seus feitos guerrilheiros, e nesta proporção é sua confiabilidade.

Em uma guerrilha africana, um capitão desertou com 30 soldados e três viaturas, quando em operação de guerra. Mantidos os contatos, recebidos com festas no acampamento, interrogados, entrevistados, sentaram praça na guerrilha. Pela madrugada seguinte levavam consigo todo o Estado Maior da guerrilha sem disparar um tiro. Era um grupo de comandos treinados na França. Os guerrilheiros eram de origem portuguesa. Não é difícil, no entanto, conseguira confissão de um espião capturado.

Todo o pessoal de espionagem recebe uma lavagem cerebral antes de entrar em ação. Capturado, o inimigo deve ser colocado amarrado a uma mesa. Em cima da mesma um gravador irá proferir, uma após outra, as arengas revolucionárias, contrárias a tudo que o espião defendia. Isto emperrará as engrenagens do cérebro adversário, possibilitando inclusive uma explosão do mesmo.

Já dizia Sócrates, o cérebro humano tem uma certa capacidade de guardar bobagens. Acima de uma determinada quantidade, ele estoura ou pede para confessar.

a — Administração

A área de segurança poderá ser administrada por um prefeito nomeado. Não há nada demais nisso.

No Brasil criaram áreas de segurança — um cinturão de proteção contra invasões do Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, tradicionais e perigosos inimigos do país. Todos os municípios que faziam fronteira com estes países ficaram assim protegidos dos governos estrangeiros. Não conseguiram, no entanto, proteger-se de seu próprio governo, o que no mínimo é um paradoxo.

b — Proteçao

O objetivo mais importante para o ditador será localizar o centro de comando e operações. Como ele está distante, no meio das linhas guerrilheiras, em local impraticável à aproximação por terra, poderia ser atingido através de bombardeios aéreos. Isto seria conseguido com um máximo de resultados e um mínimo de perdas, se fosse possível contratar pilotos israelenses via Estados Unidos ou cubanos via Rússia.

Com pilotos nacionais ocorreria exatamente o contrário: um máximo de perdas com um mínimo de resultados. Como esta é uma operação militar do adversário, não será comentada.

Para garantir-se de ataques aéreos, a defesa mais segura são os túneis e as cavernas. Uma boa equipe de tatus politizados poderia abrir quilômetros de túneis em pouco tempo. Uma guerrilha previamente teria contratado anteriormente alguns vietcongs, os maiores especialistas no assunto.

Se nada disso foi possível resta o uso do estuque, do cimento e da pedra para garantir-se contra as bombas. Além do mais, o centro guerrilheiro deve estender-se por vários quilômetros quadrados, o que impede perda apreciável em caso de ataque.

Mesmo assim, há prioridades a serem observadas.

A fábrica de pólvora e a oficina de reparos de armas devem ter prioridade um para segurança contra ataques. Em uma escala de um a dez, o hospital ficará na escala onze, como é usual entre as guerras dos humanos civilizados. Levando-se em conta a distância cada vez maior entre os aeroportos do ditador e o centro da guerrilha, um ataque aéreo será cada vez mais improvável, à medida que aumente a área em poder dos rebeldes. No caso específico da Bolívia, que conta com uma poderosa armada, e diz-se isso baseado na quantidade de almirantes que aquele país mediterrâneo possui, deve-se tomar precauções especiais contra a mesma. Seu poder de produzir baixas é enorme, temido até pelos Estados Unidos, afinal, o comércio de coca ma sempre foi florescente na região.

Como oficialmente nenhum país interfere na guerrilha de outro, é improvável um ataque com pára-quedistas. Uma tropa de elite como esta, esclarecida, que aprende os primeiros exercícios apanhando dos oficiais, não vai se deixar lançar de pára-quedas em um ninho de marimbondos sem possibilidade de retorno, para continuar apanhando.

Observa-se assim estarem as partes em conflito igualadas: os guerrilheiros não podem atacar diretamente o palácio do ditador e este não pode liquidar com o chefe da guerrilha. Ambas as partes controlam áreas importantes do país. Ambos tem espiões infiltrados nas hostes adversárias.

A luta prolongando-se, interesse ao ditador, que receberá mais dólares para sua conta particular, e interesse *à* guerrilha que aprofundará o apoio popular. É, pois, chegada a hora de uma conversa telefônica entre os dois adversários para traçar planos sobre os interesses comuns.

Trocar-se-ão na oportunidade o nome dos traidores ou espiões que possam prejudicar o esforço comum de continuar a luta. Firmar-se-á um protocolo verbal dando tempo ao ditador de fugir para o exterior com a família, deixando uma última pista e um último avião sem bombardear quando os rebeldes chegarem à capital. Não parece ao leitor que trata-se de algo déjà vu? Se, por ventura, a guerrilha ainda for derrotada, os chefes da mesma encontrarão rotas seguras até a fronteira.

Soluções importantes para o futuro do país e só possíveis de acontecerem graças à guerrilha, o que nos leva de volta ao início.

6 — A guerra em lugares desfavoráveis

Chega o momento da guerrilha em que os soldados do ditador, ante a freqüência das derrotas em uma determinada área, recuam e montam um forte esquema de cerco. A área cercada, início da guerrilha, alcantilada, desértica ou pantanosa, escassamente povoada e com poucas estradas de acesso, permite a formação de um bloqueio defensivo para levar os guerrilheiros à inoperância. É a hora de abandonar a segurança do reduto para iniciar a grande marcha rumo à vitória. Ou aos hospitais e prisões.

a — O ataque

A guerrilha vai entrar na fase decisiva do tudo ou nada, avançando para lutar por terras mais povoadas, mais transitadas, com melhores meios de comunicação e transportes e ainda sem apoio dos campesinos destas novas regiões.

A segurança vai depender de atacar com rapidez e fugir com rapidez ainda maior. Todos os planos devem ser executados nas primeiras horas da

noite para permitir à guerrilha em fuga alcançar grandes distâncias do local da luta nas horas noturnas, e assim pôr-se a salvo da perseguição.

O inimigo poderá cessar todo o movimento de tropa nas primeiras horas da noite para evitar este tipo de luta. Como a obrigação da guerrilha é lutar, não se poderá aceitar esta conduta desleal.

Deverá buscar através de emissários um acordo de luta, para que cada um cumpra com seu dever. Mesmo assim o exército do ditador poderá se recusar a lutar nestas horas com alegações pueris como: "Não recebemos horas-extras", "Ninguém é notívago", "O repouso noturno é um direito garantido aos trabalhadores", etc.

Lamentavelmente poderão ocorrer situações como esta porque os exércitos latinos são profundos respeitadores das leis. Nestes casos, a solução será atacar guardas avançadas, acampamentos, ocupar vilas, destruir pontes e postes, enfim, achar objetivos secundários que obriguem o inimigo a vir lutar nas primeiras horas da noite.

No Vietname os americanos e vietnamitas do sul, durante a noite, abandonavam as estradas e a circulação e refugiavam-se em fortalezas, deixando o terreno livre para os vietcongs. A prática demonstrou de nada valer esta estratégia. Logo o povo percebeu ser preferível ter vietcongs como amigos que grandalhões fujões.

Nota importante: o objetivo deve ser atacado com rapidez e a luta nunca deve demorar mais do que minutos, a fim de impedir a chegada de reforços e garantir uma retirada tranqüila.

b — O resultado

Considera-se ainda: de cada ataque deve resultar um saldo positivo em armas e munições. É fácil de entender porque os guerrilheiros dependem do exército do ditador para suprir seus parques. Uma ação, mesmo vitoriosa, com dezenas de soldados tombados e caminhões incendiados, redundará em um fracasso se a coluna guerrilheira não conseguir novamente abastecer-se de armas e munições e ficar impossibilitada de produzir um novo ataque.

Foi o que levou â ruína uma guerrilha no Paraguai: como o país é muito pobre, os soldados calçavam alpargatas e ponchos com calças e camisas rasgadas. A principal arma era o facão *e* os fuzis velhos que um país amigo doou. No primeiro ataque guerrilheiro conseguiu-se arrecadar

cerca de trezentos facões e cento e cinqüenta fuzis. Após muito trabalho foram levados ao acampamento. Os facões foram atirados no rio: para nada serviam. Quando foram verificar os fuzis que tanto trabalho dera trazer, os mesmas estavam sem as culatrás: o ditador não era bobo e temia uma revolta de seus soldados.

Segundo ataque. Mesmo resultado. Terceiro ataque. Idem.

Os guerrilheiros transpuseram o rio Paraná e hoje vivem confortavelmente na Argentina, após terem encaminhado moção de censura á forma de lutar do ditador. A moção teve grande repercussão na ONU, pois, esta, como se sabe, em casos de guerra só serve para galhofa.

Por outro lado, no mercado negro de armas, durante meses estiveram à venda cerca de mil culatrás de fuzis modelo 1904. Como não se achou comprador, foram as mesmas jogadas ao rio, no próprio Paraguai e, estranha coincidência, já sabem aonde, não?

Provado que a ação deve ser rápida, eficaz, com resultados positivos no aporte de armas e munições, vejamos a fuga.

c — A fuga

Um guerrilheiro que se preze está sempre fugindo do exército do ditador. É da própria essência do sistema. Enquanto foge, prova que está vivo. Já para o militar fugir *é* uma desonra, daí por que foi criado o termo logístico: retirada estratégica. Toda retirada militar é estratégica. Mesmo quando tratar-se de alemães na frente russa, de franceses na Indochina ou de somozistas na Nicarágua.

De acordo com os relatórios oficiais, sempre é feita em boa ordem, com um mínimo de perdas, combatendo o inimigo e mantendo intacto o parque bélico. Um irônico poderia perguntar: mas, se está tão sólido assim este exército, porque não 'finca pé" e luta?

A resposta é que uma retirada estratégica: só um estulto imagina que uma retirada pode ser modificada por um "fincar pés"; uma coisa é caminhar, outra é ficar parado e acabar espetado de pés para o ar.

Assim, uma das diferenças fundamentais entre soldados e guerrilheiros está na debandada: um foge, outro se retira estrategicamente. Continuemos.

A fuga deve ser feita de preferência á noite, para escapar das vistas

dos curiosos e da busca dos inimigos. Todo soldado, à noite, teme um encontro súbito com um franco-atirador deixado para trás, sabe que toda sebe esconde um inimigo. Por isso, a perseguição será mais pausada, o que dará tempo para os guerrilheiros tomarem cada vez distância maior do local da luta.

Uma noite, de lua ou não, permite um fácil e rápido deslocamento por estradas antes escolhidas, por trilhas conhecidas da floresta ou pelos atalhos da planície, vadeando arroios e banhados.

As oito horas de escuridão quase total são a maior guarda e proteção do guerrilheiro abandonando o local da luta. Os "altos", sempre em silêncio, sem conversas nem cigarros, permitem à tropa recuperar-se do cansaço. A temperatura baixa permite exercícios maiores. Assim, é possível caminhar-se até trinta quilômetros levando as armas.

O resultado do ataque foi enterrado próximo ao mesmo para ser recolhido mais tarde; facilmente identificável, ficou no meio das macegas altas, próximas a um banhado que circunda a estrada, tendo à frente uma palmeira que chama a atenção por ter sua copada pendida apenas para um lado. Quando o horizonte começa a ficar rubro, as primeiras nuvens matizando-se de vermelho, é chegada a hora de procurar um refúgio para passar o dia, longe de casas ou estradas.

O comandante da coluna, escolhido em eleições pela tropa entre os mais hábeis, caminhando à frente de seus homens, buscará o local ideal.

Neste instante, a seus olhos e de seus denodados comandados surge, altaneira no máximo a dois quilômetros, a imagem de uma palmeira que chama, repito, a atenção por ter sua copada pendida apenas para um lado. Sim, sem o auxilio de qualquer instrumento, a forca guerrilheira provou ser possível ao homem fazer um círculo perfeito caminhando à noite. Oxalá fique viva para contar o evento.

Por isso, cuidado com a fuga noturna. Na revolução cubana um de seus chefes mais conhecidos, em um ataque noturno próximo à Havana, seguiu uma rota de fuga conhecida, entre estradas, morros, banhados e uma escassa zona de casas de subúrbios. Na escuridão de breu, pois a capital estava às escuras, em regime de *black-out,* tateavam os homens para não perder-se uns dos outros. Ficaram para trás as luzes do incêndio provocado pelo ataque. Nada nem ninguém se movia, exceto a guerrilha fugindo para

lugar seguro pelos caminhos conhecidos. Andaram quilômetros para desprender-se o mais possível do ponto perigoso. Já os pés batiam sola na areia levando-os para as grutas longínquas onde escondiam-se.

Era a suposição, pois quando as primeiras réstias de luz surgiram sobre a terra, ainda sem acordar os galos, o comandante verificou que aproximavam-se, pela praia, do balneário central da capital.

— Tchê, estamos em *La Habanal*

Foi assim que ganhou o apelido. Pouco depois ganhou também a capital, porque esconderam-se em uma repartição pública e era uma sexta-feira de verão. Jamais seriam encontrados.

d — A coluna

Saindo de sua área primitiva, a guerrilha parte para a conquista de novas regiões. Para tanto, irá lutar em um terreno ainda desconhecido, e como vimos, uma população maior acarreta uma maior quantidade de estradas, tráfego, comunicações telefônicas, etc.

A guerrilha ainda não está forte o suficiente para ocupar e guardar espaços maiores. Deverá então ser dividida em colunas móveis, com comunicação entre si, guardando-se umas às outras, eventualmente agindo em comum contra um ou outro alvo inimigo.

Ponto importante é saber qual o número ideal de membros e o armamento preferível. Divergem muito os autores levando em consideração as peculiaridades de cada país. Assim, uma única coluna de duzentos homens na Guiana é o próprio poder e já deveria estar na Capita! governando. Em uma nação maior com população correspondente é apenas um mosquito picando o ditador.

Então, o interesse no número de guerrilheiros de cada coluna diz respeito a suas garantias de atacar e fugir com rapidez, única forma de resguardar-se e não ser destrocada. Os exércitos usam atualmente o grupo de combate, composto por onze homens e agregados, três a três, em pelotões comandados por um capitão. Um político brasileiro de grande espírito inovador certa vez criou os chamados "grupo dos onze", com objetivos paramilitares.

Esqueceu apenas o adestramento e o equipamento, mas, como vimos, uma palavra vale mais que uma bala. Os fatos posteriores

comprovaram.

Uma guerrilha de três a cinco elementos tem pouco poder de fogo e respeito.

Suponhamos um ataque a um transporte. Param os guerrilheiros na estrada, atrás de uma árvore derrubada sem autorização do IBDF e mandam o caminhão parar. Fatalmente serão suas últimas palavras antes do caminhão passar por cima deles e da pequena árvore derrubada.

A destruição da flora brasileira foi tão violenta que nos lugares aonde ainda existam árvores grandes não lutam os brancos. Nem existem estradas para caminhões.

Por outro lado, suponhamos uma coluna guerrilheira de mais de cinquenta homens. O deslocamento, evidentemente a pé, acarreta graves problemas de logística. Certa ocasião um coronel guerrilheiro resolveu fazer uma guerrilha no sul do Brasil, buscando atacar o Presidente que eslava na Foz do Iguaçu. Atacou três cidades, na madrugada, a bordo de um caminhão. Seguiu, estrada acima, partindo da divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, rumo norte. Antes do meio-dia estava cercado e preso.

Conseguira um novo recorde: a guerrilha que mais viajou em menos tempo, sem nenhuma lógica. Mais tarde levaram-no para o necessário tratamento psiquiátrico.

De qualquer forma, o exemplo prova: o guerrilheiro deve ser de infantaria. Se quiser ter futuro.

Claro está, nas áreas já ocupadas o trânsito em veículos não oferece perigo á guerrilha, mas não devemos nos esquecer que anteriormente ela mesma havia destruído todas as pontes e pontilhões que haviam no local.

Agora, só quando o Programa de Reconstrução Nacional a ser lançado logo após a vitória estiver em vigor, será possível atender às reivindicações dos motoristas guerrilheiros. Enquanto isto, pé na estrada.

Voltemos ao grupo de cinqüenta ou mais homens. É uma força de ataque formidável, ainda mais levando em conta o elemento surpresa é capaz de destrocar um inimigo muito mais poderoso. Na forma como iremos ver adiante.

No entanto, na hora da fuga, começam os problemas. É difícil fazer silêncio entre tantas pessoas. Uns caminham mais rápidos. A cadência deve

ser pelo que anda menos. Isto dará uma média de quilômetros muito baixa para quem deve fugir depressa. A trilha seguida e pisada por tantos deixará marcas profundas. Os lugares de alojamento não poderão passar desapercebidos. O alimento, necessário em grandes quantidades face ao esforço físico desprendido, não poderá ficar relegado ao acaso.

Assim como esta tropa aniquilou facilmente sua presa, logo será presa da presa. O meio termo seria vinte a trinta homens, o que ainda é uma força difícil de se esconder e fugir com rapidez. Preferível ficar entre oito e treze guerrilheiros em cada coluna. Oito se elimina porque não é um número bom cabalisticamente, e treze da mesma forma porque traz azar (com quanta coisa deve preocupar-se um guerrilheiro). Onze o exército usa e Deus nos livre de acompanhá-lo. Nove, noves fora zero, não dá. Ou dez ou doze. Doze talvez fosse o ideal.

Na hora de dar as ordens, quando cada sílaba é importante e morre-se antes de dizer a sílaba "ai", ao invés de ter que dizer "cinco", ou seja, "metade para cada lado da estrada!", o comandante só dirá "meia dúzia pra cada lado!"

Desde o tempo dos espartanos, todo o soldado sabe que o laconismo é uma das virtudes do bom militar, ou, como diria o festejado filósofo Prof. Pangloss, um dos génios do pensamento francês: "em boca fechada.. ."

Não basta no entanto o laconismo nem a vontade de vencer, tão pouco a capacitação bélica não existindo preparo físico do homem. O preparo filosófico, isto é, a doutrinação permanente, seja comunista ou facista, que formará um bom guerrilheiro, um mártir da causa, um herói nacional, é importante, mas o preparo físico mais.

Foi graças â resistência que Mão conseguiu vencer o exército chinês em uma corrida ao redor da Muralha Chinesa; como prêmio ganhou a china, digo, a China.

A força física permite a Fidel falar horas e horas em discursos no estádio de Havana, enquanto todos os demais presentes, sem preparo físico, exaustos, dormem, cuidando para não roncar, caso em que acordarão *no paredón.*

Permito-me uma pausa.

Quando se fala de um antigo líder comunista brasileiro, todos pensam em um velho encarquilhado, cujas fotos aparecem nos jornais *e* revistas, ou o

nanico barbudo comandando a Coluna que levou seu nome. No entanto esquecem o neném.

E exatamente este foi o único vitorioso de toda esta esplêndida e admirada vida. Em sua infância, em um concurso de robustez infantil em Porto Alegre, ele, com galhardia, ganhou o primeiro lugar.

Era uma criança gordinha, de faces rosadas, trajando uma alva fralda de algodão, rindo e batendo palmas para os adultos ao redor.

Uma bonita joaninha de segurança, com a cabeça trabalhada, mostrando uma foice e um martelo, obra de um primo que tinha sido agricultor, sapateiro e agora artesão, causou sensação pela beleza do arranjo. A peça ficou em família, guardada como recordação daquela vitória da criança bonita.

Anos mais tarde andou por Porto Alegre uma missão russa com uma duquesa da Corte do Czar. Visitou a família, viu em uma parede um pequeno quadro de vidro. Atrás, uma joaninha de for-, ma estranha.

Casualmente o *hobby* desta senhora era colecionar joaninhas, e tanto rogou, tanto implorou contra todas as regras de etiqueta, que acabou ganhando a pequena recordação de infância. Quando voltou para a Europa, a duquesa encontrou-se na Alemanha com um antigo amante, um russo lá asilado. Mostrou-lhe a peça e este, apaixonado, escolheu a foice e o martelo esculpidos como bandeira do novo movimento político-religioso que estava criando, prova maior de amor pela senhora que o visitava. Quando mais tarde o amante — chamavam-no Lenine — voltou à Rússia, o símbolo passou a drapejar pelo proletariado da época e alcançou proeminência internacional. Até hoje o artesão gaúcho ainda não recebeu seus direitos autorais.

A duquesa russa foi fuzilada no primeiro expurgo. Sabia demais.

Voltemos ao exemplo.

Aquela criança, por ser robusta, quando adulta conseguiu marchar milhares de quilômetros pelos sertões brasileiros com sua tropa: a resistência física foi sua grande arma. E esta só se consegue com exercícios, alguns dos quais já vimos e outros estou prestes a arrolar.

Toda a manhã, antes do café, o chefe da guerrilha deve obrigar sua equipe a correr, saltar obstáculos, fazer calistenia. Descurar da forma física é um passaporte para as masmorras do ditador.

Por outro lado, sabendo-se que a marcha de ataque ou fuga é

cadenciado pelo guerrilheiro que caminha menos, é fundamental seja ele um fundista, campeão de desempenho em longos percursos. Qualquer sobrepeso a ser carregado por uma tropa em fuga é prejudicial. Por isso as guerrilhas modernas optam por manter os homens perfeitamente barbeados, o que evita também os surtos de piolho e sarnas.

Não esquecer ainda os uniformes: limpos e bem trabalhados, dão mais conforto ao homem e permitem maior maleabilidade, fator importante no combate corpo a corpo. Por último os coturnos ou botas. Mantê-las engraxadas *e* polidas não é apenas demonstração de asseio. É garantia de impermeabilidade e conservação do couro. Um guerrilheiro que se preza jamais admitirá andar de roupa suja, rasgada, exalando mau cheiro, bem como não aceitará calçar coturnos ou botas sujas. Toda guerrilha vitoriosa demonstra isso.

7 — O front político

Normalmente os combatentes da guerrilha são neófitos ou desinteressados pela política.

Isto é um grave erro porque, às vésperas da vitória militar, os políticos chegarão com sua solidariedade, propondo uma solução política que atenda aos interesses dos guerrilheiros e termine com a luta fratricida.

Parte desta solução é permanecerem os políticos nos cargos que ocupam, pois, afinal, não estiveram sempre defendendo, lutando, sofrendo na Capital da República, muito mais do que os enfurnados nas selvas? E há que cuidar também dos militares. É da história da revolução de 1930 no Brasil. Quando vitorioso o movimento pelo imenso apoio popular, uma Junta Militar tomou conta do governo, no Rio de Janeiro, propondo o cessar do deslocamento das tropas insurretas para a Capital, pois tudo já estava resolvido, e um novo Governo (o do triunvirato) iria atender a todos os reclamos populares.

Getúlio Vargas, o chefe revolucionário, mandou avisar aos generais que iria assumir a Presidência da República, sem Junta nem meia junta. Isto desconjuntou o esquema de políticos e militares cariocas pretendentes a aproveitar o bonde que passava andando.

Há outro detalhe. Além dos políticos e militares, o guerrilheiro tem de preocupar-se também com a imprensa, conforme já vimos em outro capítulo, e

uma das perguntas fatalmente será sobre as convicções ideológicas do guerrilheiro.

— Então, Comandante Pantera, qual sua ideologia política? — Pergunta o correspondente da DPI.

Um guerrilheiro desavisado, perdido nos ermos de Escambrai, em Cuba, prontamente responderá.

— Sou um esquerdista, por isso pretendo derrubar Fidel e sua camarilha fascista.

Lamentável, não acham? Pior é a posição quando a repórter curvilínea da NBC entrevista o chefe do Movimento Guerrilheiro Araucano, nos *Ilanos* de Atacama.

—Então, comandante, que política o senhor pretende adotar quando derrubar o general-presidente do Chile?

—Vou derrubá-lo com o auxílio dos Estados Unidos para provar que nenhum comunista pode continuar vendendo nossa pátria à Rússia.

Horrível, não é? Por mais enfadonho que seja ao guerrilheiro tratar de política, pois sua opção para tomar o poder é a luta armada, exatamente o contrário da política (que é a luta da palavra, perdão, da língua), convém saber alguns princípios sobre ideologia.

a — Diferenciando as mãos

Conforme todo mundo sabe, distingui-se facilmente a mão direita da esquerda por ser a primeira que usamos para escrever. As pessoas canhotas são canhotas exatamente porque nunca foram ensinadas a respeito disso em algum estudo tão brilhante quanto este. Assim também quando se fala de correntes políticas usa-se empregar os termos direita e esquerda.

Os políticos mais habilidosos são aqueles intitulados de centro e por isso, como pêndulos de relógio, vagam entre a centro-esquerda e a centro-direita. Não vão a lugar algum, mas é a maneira correta de estar sempre no governo. Com todo idealismo e desprendimento possível pela pátria.

Os mais afoitos — leia-se os mais jovens — optam pela direita ou pela esquerda. Os mais vorazes são da extrema-d i ré i ta ou da extrema-esquerda. E por que vorazes? Porque as piranhas também gostam de sangue e são

animaizinhos extremamente vorazes.

Assim, a primeira função do guerrilheiro é saber qual mão vai usar.

b - A esquerda e a direita

A história das posições políticas de esquerda ou de direita perde-se na Idade Média. Naquele tempo era costume dos reis terem a sua direita o bobo da corte. Todos sabem que o bobo da corte era o encarregado de fazer rir, com suas macaquices, a família real. Com o tempo a família real transformou-se na família presidencial e o bobo em primeiro-ministro, líder do governo ou porta-voz. Mas continua ali, sentado à direita do chefe, com as mesmas funções.

Isso no sistema parlamentarista. No sistema presidencialista, que no tempo é um avanço sobre o anterior, a família presidencial tornou-se mais exigente e assim, ao lado do porta-voz, criaram-se os cargos de ministros e governadores, todos sentados à direita do patriarca e à mercê de seus humores.

Ainda há pouco, em um país latino-americano, um governador perdeu a cabeça porque sua mulher tomou liberdades com a mulher do patriarca. Fato muito comentado, serve para provar que os sentados à direita do Pai nem sempre alcançam a bem-aventurança.

Principalmente quando suas mulheres falam demais.

E isso contrariando um princípio que os bobos feudais já conheciam: em boca fechada não entra.. .

Por analogia, como â direita sentavam-se os protegidos, quando criaram-se as câmaras representativas do povo, ou assim ditas, automaticamente os aliados do governante tomaram assento à direita das assembléias . Os contrários ao Executivo tomaram assento à esquerda destas assembléias . Em muitas assembléias a maior obra do Legislativo tem sido mandar colocar mais cadeiras à direita, pois ninguém quer sentar á esquerda, mesmo que seja apenas por uma questão de assento no recinto. Todos querem defender seu assento.

Em compensação, nos países comunistas, ninguém quer sentar à direita. Isto tem permitido aos presidentes de Legislativo mais hábeis exportar para os russos as cadeiras esquerdas que sobram na América.

Como os primeiros a tomar assento foram os ditos conservadores, isto é, os que querem conservar as coisas como estão para ver como ficam, estes são também chamados direitistas.

Posteriormente surgiram outras idéias , como o marxismo, o socialismo,

o anarquismo, etc., e que, estando ocupados os lugares da direita, tomaram os assentos da esquerda. São os revolucionários, os que propõem novas idéias políticas, idéias estas capazes de salvar o mundo e dar felicidade ás pessoas, como tem se visto ultimamente no Afeganistão e na Polônia.

Assim, os leitores para tomar uma posição ideológica exata devem saber apenas uma coisa: qual *é a* posição manual do ditador? Sabendo a resposta, basta dizer, quando entrevistado: "Sou..." (da esquerda ou da direita), porque a í está a verdade capaz de levar meu povo *à* liberdade, ao progresso, ao bem estar social e à felicidade.

Para tornar as coisas mais fáceis para você, guerrilheiro e não político, basta decorar a última frase e tudo estará resolvido a contento no campo da política.

Para resolver as coisas no campo dos políticos, quando eles chegarem não digam: "Passem no almoxarifado, peguem um fuzil e vão treinar tiro ao alvo". Nada disso. Político é pessoa importante, sem tempo para brincadeiras, e não aceita nenhuma deselegância verbal sem vir precedida do "Vossa Excelência"... Convidem-nos para uma reunião e durante a mesma afirmem:

— Vocês são a nossa esperança de melhores dias para o povo. A guerrilha apenas pretende dar mais forca aos políticos preteridos nesta ditadura. Voltem à Capital e digam isso aos seus colegas de todos os partidos: a política é para os políticos; nós os guerrilheiros pretendemos apenas derrubar o tirano e fazer eleições. O final será com os senhores.

Não riam nem façam cara de ironia. Afinal, quanto mais adesões houverem na Capital melhor. E há uma vantagem extra: nenhum senador ou deputado pensará em transferir seu dinheiro para outro país.

Aqui termina o *Manual.*

Muitos outros conselhos e informações úteis poderiam ter sido prestadas. Isso, no entanto, acarretaria um aumento de volume e de preço desta obra didática, prejudicando seu objetivo maior: prestar o máximo de informações sem pesar no bolso do guerrilheiro.

Nos dois sentidos: na hora da compra e da viagem.

Obrigado pela compra.

Boa viagem.